PEDRO DE BARROS

CARTAS

MONARCHISTAS

RIO DE JANEIRO
DOMINGOS DE MAGALHÃES—EDITOR

LIVRARIA MODERNA
54 Rua do Ouvidor 54

1895

CARTAS

MONARCHISTAS

PEDRO DE BARROS

CARTAS

MONARCHISTAS

RIO DE JANEIRO
DOMINGOS DE MAGALHÃES—EDITOR
LIVRARIA MODERNA
54 Rua do Ouvidor 54

1895

Reuni neste folheto a serie de cartas que dirigi ao meu collega e amigo, Prado Pimentel, sobre a questão aventada no artigo que o nosso correligionario e amigo, Affonso Celso, publicou no «Commercio de S. Paulo» e foi reproduzido na «Gazeta da Tarde» de 8 de Outubro.

A solução do problema politico do Brazil acha-se dependente unicamente da convicção, já quasi geral entre os brazileiros, de que sómente a Monarchia é capaz de salvar a nossa Patria da morte que a Republica lhe preparou, e que os seus erros e a incapacidade incorrigivel dos seus governos cada dia apressa.

Ora, essa crença resalta fatalmente da comparação, que cada um póde estabelecer, entre o que foram os sessenta e sete annos de Imperio e o que tem sido os seis de Republica.

No poder desta não está emprehender a tarefa patriotica e salvadora de realizar as grandes economias imperiosamente exigidas pelas condições financeiras do Brazil, visinhas da bancarrota.

Sómente outro regimen isento de qual quer solidariedade com o actual, e sem como elle haver mister de angariar proselitos e cimentar adhezões com o dinheiro da Nação, é que poderá effectuar aquellas, tentar a reconstituição das segundas e evitar o esphacelamento da Patria, resultado inevitavel da declaração de sua infallivel insolvabilidade.

As maravilhosas riquezas deste organismo immenso exhauriram-se todas em seis annos de regimen republicano, sem que uma só creação patriotica, uma só obra ahi fique para attestar-lhes a util applicação.

A experiencia está, portanto, feita.

O que a dignidade e o patriotismo impõem hoje aos filhos desta terra é a volta ao antigo regimen, unico que póde livrar-nos da deshonra e do fraccionamento.

Se a forma republicana pura não resiste praticamente á critica scientifica e á experiencia historica, muito menos o absolutismo legal, que é o caracteristico dos regimens presidenciaes.

Dictaduras, anarchia, morticinios, corrupção o aviltamento, o descredito e, por ultimo, a imminencia da bancarrota, eis tudo qnanto nos tem dado a Republica de 15 de Novembro de 1889.

Não será já tempo de fechar na historia do Brazil esse parenthesis de vergonhas e ruinas?

Rio 9 de Novembro de 1895.

Pedro de Barros.

HABENT SUA FATA LIBELLI

A sorte deste eu confio que será derramar pelo paiz os algarismos a que attingio a nossa despesa.

Para ter-se uma idéa approximada dos gastos publicos, (digo approximada, por que exacta é impossivel ter, á Republica sendo uma casa commercial sem escripturação), é preciso accrescentar ao orçamento geral as despezas dos Estados, que uma autoridade insuspeita á Republica, o Dr. Amaro Cavalcante, em publicação tambem insuspeita, o *Diario Official*, acaba de calcular em 152.663:000$.

Sommados esses 153 mil contos aos 320 mil pedidos pela União para 1896, temos 473.000 contos, isto é, com uma parte apenas do *dificit* que se renova sempre, um total minimo de meio milhão de contos de despezas annual.

A despeza effectiva será, entretanto, muito maior.

O effeito desmoralisador, corruptor e dissolvente de semelhante orçamento, tratando-se de uma nação pobre, sem renda para metade desse esbanjamento, precisa ser incutido no espirito de quantos ainda se preoccupam do credito, da solvabilidade e da reputação do nosso paiz.

Por esse motivo faço votos para que a enormidade das cifras que figuram nestas paginas, eclipse aos olhos de todos os outros golpes do polemista.

Joaquim Nabuco.

Novembro de 1895.

PRIMEIRA CARTA

Meu caro Prado Pimentel

Vou tentar desempenhar-me da obrigação que me impuseste de manifestar a minha humilde opinião sôbre o brilhante artigo de nosso estimado collega, Affonso Celso, publicado no *Commercio de S. Paulo* e transcripto na *Gazeta da Tarde*, de 8 do corrente.

Fal-o-hei com a imparcialidade que é dever do philosopho, embora conte de ante-mão com

uma saraivada de doestos e de insultos que, bem sabes, são a *suprema ratio* dos que não tem razão.

A' elles, porém, opporei uma dóze de calma, pelo menos igual a que affirmava o Sr. Affonso Penna—logo apoz o 15 de Novembro, — possuir de desprezo e repugnancia para atirar á cara dos republicanos do Brazil.

Voltando ao artigo, dir-te-hei que o li com a attenção que em todos os amigos das boas lettras sempre despertam as variadas manifestações de tão aprimorado talento, e com o interesse que o assumpto provoca em todos quantos conservam, como nós, inalteravel o culto da fé politica em que envelhecemos e dolorosa experiencia cada dia mais aviventa.

Escusada fica sendo, por isso, a declaração de que estou absolutamente de accôrdo com o nosso Affonso Celso quanto á these que brilhantemente sustenta : a saber, que « a restauração da Monarchia é infallivel.

Se em vez de o ser por elle, fosse por ti escripto o artigo em questão, eu uzaria dos direi-

tos que me dá a tua velha e benevola amisade para adduzir em apoio d'aquella these alguns outros motivos que se me affiguram de molde a justificar o seu acêrto.

Não creio que a maioria dos brazileiros fosse jámais republicana.

O «15 de Novembro» não exprime, nem exprimirá nunca, apezar da pifia rhetorica dos seus defensores, o pronunciamento da Nação em materia de tamanha transcendencia, qual a mudança do regimen em que se constituira e vivêra por mais de meio seculo.

Para os contemporaneos, como perante a historia, elle ficará sendo o que realmente foi: uma insubordinação de quartel, irrompendo de surpreza, habilmente explorada em seus effeitos por meia duzia de especuladores descontentes e um soldado desleal, uns e outro bastante astutos para pôrem ao serviço dos dissimulados intuitos a vaidade guerreira e a céga imprevidencia do marechal Deodoro.

O Governo provisorio annunciando ao mundo no dia seguinte a — proclamação da

Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo exercito e armada *em nome da Nação*— proferiu, portanto, a mais desbragada mentira deste seculo.

A attitude, porém, da maioria dos brazileiros, aceitando a nova ordem de cousas será, prova de que a *Republica contou em seu começo com geraes sympathias*, conforme pretende o nosso talentoso collega ?

A surpreza do successo fulminou todos os espiritos, e a immediata adhesão dos batalhões estacionados nas differentes provincias do Imperio no seio dos quaes, mercê da tolerancia dos ultimos governos da Monarchia, a idea republicana abrira funda brecha, seguida, como foi, das medidas violentas tomadas pelo Governo, tornaram impossivel qualquer reacção por parte do elemento civil, aliás por indole e por tradição pouco propenso ás lutas armadas.

A serena obediencia do Sr. D. Pedro II, e de toda sua Augusta Familia ao decreto que os exilavam e a passividade das altas corpo-

rações politicas do Estado, Senado e Camara dos Deputados, ante os acontecimentos que se desenrolavam na Capital do Imperio, eis o que, á meu ver, explica e até certo ponto justifica a submissão do paiz á nova situação, á qual, além disso, todas aquellas circumstancias emprestavam feição duradoura e definitiva.

O resultado da criminosa jornada seria, entretanto, bem diverso, se o Imperador se tivesse decidido a enfrentar os batalhões reunidos no campo da Acclamação ou se o Barão do Ladario esperasse entrincheirado no Arsenal de marinha a tropa revoltada.

Os espiritos irreflectidos, os descontentes, os ambiciosos, os sedentos de posição, em regra até aquelle dia sómente aberta ao talento e ao esforço honrado, os indifferentes, os inuteis, um enxame de publicistas desoccupados, de medicos baldos de clinica, de empreiteiros arruinados e deshonestos e de bachareis mais exercitados na réles eloquencia de fôfa demagogia do que na lição do direito

e nos conselhos da historia, toda essa massa, informe, irriquieta, quasi anonyma, que pullula e agita-se nas sociedades constituidas, ávida de mudanças, porque nenhum interesse conservador tem á defender, é certo, que deu-se pressa em aceitar o «15 de Novembro,» como apoiou o 23, o estado de sitio e a dictadura e como aceitará e apoiará amanhã o imprevisto que acaso venha a sahir do ventre de qualquer revolução.

Dahi, porém, não se póde razoavelmente concluir que a Republica contou em seu começo com geraes sympathias, nem que a maioria dos brazileiros, se já o não é, tornar-se-ha monarchista.

Não, meu caro collega. Monarchista é e sempre o foi ella.

As classes conservadoras todas, os productores, a universalidade do commercio, os homens amigos de sua Patria, os que a ella prestaram o serviço das suas energias patrioticas e do seu talento illustrado, os que a querem livre, bem administrada, reputada no

exterior como sempre o fôra pela sabedoria de suas leis, pela immaculada probidade dos seus Governos, pela tranquillidade de que gosou, pelo escrupuloso respeito dos direitos do cidadão e, finalmente, pelo credito que o desempenho de seus compromissos e a applicação sabiamente prudente e discretamente ponderada dos dinheiros publicos lhe grangeára, todos esses elementos componentes da maioria pensante de uma Nação e que representam o seu typo caracteristico e a sua força, foram e são monarchistas.

E' certo, que nem é entre elles que se recruta conspiradores, nem é com elles que se faz revoluções.

N'outras camadas sociaes, sem duvida muito mais numerosas, é que os conspiradores de Cubango vão restolhar os heróes dessas orgias sociaes, mas, esses constituem aquella *turba multa* a que já alludi.

Inimigos natos da ordem, refocillam-se em meio de todas as desordens, servem a todos os governos, não por amor ás instituições que

elles representam, as quaes nem se quer comprehendem, mas, seduzidos pelos proveitos que delles esperam.

Esses taes, se hoje constituem a maioria republicana do Brazil, constituirão amanhã a maioria monarchica, e, á semelhança dos hespanhóes apóz a retirada das tropas francezas da peninsula, virão acclamar o novo Soberano.

Queira Deus, porém, que, quando convidado como Fernando VII pelo seu primeiro ministro para agradecer as estrepitosas saudações da multidão reunida em frente dos reaes paços, recorde-se elle da resposta do rei :

« *Vaya hombre! Son los mismos perros que hace nueve meses me han siflado.* »

O Sr. Quintino, com a autoridade insuspeita de propagandista que foi e de—principe general—que ficou sendo da Republica, dizia ha pouco no Senado, que o « grande erro seu e dos seus amigos tinha sido o haverem proclamado uma Republica em que faltam republicanos. »

Que outro testemunho mais eloquente e decisivo haverá mister de adduzir da fragil densidade do elemento republicano do Brazil ?

Quanto ao valor d'esse elemento — como força pensante e directora — basta passeiar o olhar pelo Congresso e pelos cargos publicos desde o mais elevado até o mais subalterno para bem ajuizar-se da pobreza da sementeira republicana.

O Sr. Paulo Janet, em uma das suas obras, « Philosophia das revoluções » se bem me recordo, observa que nos paizes de fórma republicana o nivel da mentalidade é manifestamente inferior ao dos regidos por governos monarchicos.

A explicação do phenomeno parece-me que reside na convicção em que se acha toda a gente de que, n'aquelles não é pelos dotes do talento nem pela probidade civica que se consegue subir ás mais altas posições.

D'ahi, o formigamento das nullidades pretenciosas, bastante audazes para tudo tenta-

rem e sufficientemente desprovidas de escrupulo para a tudo se submetterem.

Que diria o Sr. Janet se tivesse a ventura, que possuimos tu e eu, de conhecer pessoalmente o Sr. Cassiano do Nascimento?

Não quero, meu caro Prado Pimentel, incorrer no peccado de haver roubado mais tempo ás tuas proveitosas cogitações. Faço por isto ponto aqui, pedindo-te venia para n'outra missiva proseguir no exame, para mim interessantissimo, do artigo do nosso confrade Affonso Celso.

Teu,

Pedro de Barros.

Outubro, 12 de 95.

—

SEGUNDA CARTA

Meu caro Prado Pimentel

Tem razão o nosso Affonso Celso para affirmar que o — Imperio dispõe como nunca de fortes elementos na opinião publica. —

A' meu vêr, estes são formados :

1º, dos que viveram outr'ora illudidos com a miragem republicana.

2º, dos chamados historicos que de boa fé trabalharam pelo advento da Republica e que,

no meio do geral descalabro perderam toda esperança de que seja ella susceptivel de dar-nos melhores dias.

3º, finalmente, dessa parte da sociedade que, sem preferencias politicas, presumia que a Republica dar-lhe-hia a mesma somma de garantias e a paz que fruiu durante o Imperio.

Já por aqui ficas vendo, que continúo a não fazer obra com essa massa anonyma que constitue a flôr da gente republicana, sempre disposta á pôr-se ao serviço de todos os governos.

Eu não conheço processo algum de logica com autoridade tamanha e de força tão decisiva como o de — comparação. —

Comparar o Imperio com a Republica é, pois, o methodo que me parece mais efficaz para forçar os espiritos obstinados a reconhecer que se o primeiro tudo creou, a segunda tudo destruiu.

Todos nos recordamos de que durante longos annos, os propagandistas pregaram em todos os tons e por todas as fórmas que os vi-

cios e defeitos inherentes á Monarchia e existentes em seu sangue—tão fatalmente como a perfidia no organismo de um nosso finado conhecido—tudo isto de mistura com os males e as desgraças que a perversa inoculára n'alma nacional, desappareceriam como por encanto aos primeiros clarões da suspirada ante-manhã republicana.

Essa propaganda, força é confessar, era tanto mais proficua, quanto os governos levados por motivos que não vêm á pello esmiuçar aqui, não só lhe não impediam as demasias, como nada oppunham ao caminho que abria no animo publico.

Dir-se-hia até, que era dos proprios poderes constituidos que lhe vinha alento e incitamento.

A Monarchia desappareceu a 15 de Novembro, substituida pelo actual regimen, promissor das annunciadas venturas.

Que presenciou, então, a Nação?

A organisação de um Governo provisorio composto de elementos antagonicos e mani-

estando-se desde os primeiros dias pelos ctos mais disparatados.

O facto não surprehendeu, entretanto, aos que viam nelle figurar, exercendo decisiva influencia, antigo accumulador de empregos bem remunerados, poucos annos antes convertido em fervoroso adepto da religião da *casta* Clothilde de Vaux.

A' recusa do Imperador de aceitar o pingue donativo que se lhe offerecia sem lei que o autorisasse, — admiravel escrupulo de um espirito educado e envelhecido no respeito religioso das leis, — respondeu o Governo provisorio, amuado e bilioso, com o decreto que bania perpetuamente da Patria o Venerando Ancião que tanto a nobilitára, e que, depois de um reinado de mais de meio seculo, dava ao mundo o testemunho e legava ao regimen que o substituia — como ensinamento aos seus futuros servidores — o exemplo de uma pobreza honrada e gloriosa.

A sanha feroz com a qual o Governo do marechal Deodoro empenhou-se desde o pri-

meiro momento em apagar da memoria nacional tudo quanto pudesse lembrar o Imperio, desde a mutilação das raras obras d'arte que possuimos, até a substituição dos nomes porque foram sempre conhecidos monumentos e instituições, revela lamentavel menos preço por tudo quanto constitue o patrimonio historico de um povo e denuncia odio cego e profundo ao regimen, que, alias, sômente praticou o grande crime de tolerar que o virus republicano invadisse o organismo nacional.

A essa tendencia demolidora nada logrou escapar.

O territorio da Nação foi gratuitamente cedido a quantos lhe disputaram as parcellas, contratos escandalosos eram realisados, conforme se diz, segundo as sommas previamente ajustadas com funccionarios dos differentes ministerios que, por esta forma, em poucos mezes do lucrativo commercio, logravam juntar grossos capitaes, transferindo então a outros com o cargo que assim exerciam os proveitos da remuneradora industria !

As mais audaciosas especulações, a jogatina escandalosamente desenfreiada, baseada em negociações tentadas com a administração e concessões disputadas á peso de ouro, assignalam o periodo do Governo provisorio immediato á quéda da Monarchia.

Nos differentes ramos da administração do Estado e em todos os mais serviços, a mesma anarchia, igual ausencia de moralidade, uma desorientação incorregivel e a carencia de qualquer outro plano de governo que não fosse o de perverter, arruinar e distruir quanto existia.

A missão do sr. Quintino Bocayuva ao Rio da Prata para o fim de resolver —na constancia de um Governo de facto—a secular questão das Missões, elle em quem nem competencia, nem nenhum preparo se reconhecia para empresa de tão grande monta, foi, apezar do fausto desuzado e dantes nunca visto de que cercaram-na, o que todos sabem: a cessão a titulo gratuito, de uma immensa area do territorio nacional.

Abro aqui um parenthesis para referir-te, meu caro Prado Pimentel, uma circumstancia á qual no momento pouca importancia attribui, mas, cuja explicação os acontecimentos posteriores me forneceram.

Logo apóz a proclamação da Republica achava-me em Buenos Ayres, para onde, como te has de recordar, mudára antes meu domicilio.

Alludindo ás manifestações feitas alli por aquelle motivo, dizia-me um dos homens do Prata mais notaveis pelo talento e pela lealdade do caracter:

«Os estadistas do Imperio são bastante sagazes para não se deixarem illudir com o valor d'essas demonstrações. Todos elles verão que ellas exprimem a satisfação dos Argentinos pela inesperada e cubiçada acquisição da hegemonia sul-americana, que desde hoje passa a pertencer-lhes, e a esperanca de proximas reivindicações.

E concluiu:

A hora, y por lo que se refiere a los

nuevos hombres de estado,... la cosa es ōtra...

Tira d'isso a conclusão a que se presta, e vê a que mãos andam entregues os destinos do nosso Brazil.

A' 15 de novembro de 1889, o Imperio offerecia ao mundo e as Republicas do continente Americano o espectaculo de uma Nação, que a nenhuma cedia a primasia na plenitude da liberdade e na tranquillidade, no remanso da qual lograva realisar as maiores conquistas da civilisação.

No curto periodo de existencia autonomica, o Brazil organisára pelos moldes mais aperfeiçoados o complexo de todos os serviços publicos.

Acompanhando o movimento progressivo dos outros povos e a evolução operada em nossa Patria, o Imperador, os Governos e o Parlamento empenharam-se sempre por imprimir ás leis e as reformas, que uma prudente e reflectida observação aconselhava, o cunho da liberdade e uma feição mais conforme ás exigencias da civilisação.

A garantia da liberdade civil e politica e dos direitos privados estava confiada a uma Magistratura vitalicia, cujos membros, se não brilhavam todos pelos dotes do talento, em regra disputavam entre si a palma do civismo pelo zelo de bem servir, ao quál honrada e resignada pobreza dava maior lustre.

Essa suprema salva-guarda dos direitos do cidadão e da sociedade a Republica fundou, entretanto, sobre bases diversas, instaveis, defectivas e absurdas, e na escolha dos seus representantes—salvas bem raras excepções,—houve-se com tamanha despreoccupação da santidade da missão que lhes confiava que, no proprio recinto do mais elevado Tribunal Judiciario da Nação, um de seus membros ouza qualificar de—homicidio legal—o barbaro e cobarde assassinato dos filhos do sr. Facundo Tavares!

Que vale a Magistratura dos Estados, qual a sua sorte e que garantias offerece ella a causa do direito, digam os juizes de Sergipe, de Pernambuco e outros.

Junta a isso uma anarchia, que os defeitos da regulamentação, a desidia, a ignorancia, e sabe Deus o que, torna ainda mais profunda, e verás quanta rasão tem os que pensam que a victoria da lei e do direito é presentemente em nossa terra um verdadeiro jogo de acaso.

Si voltamos o olhar para o poder legislativo, veremos, que, no Imperio, a Camara dos Deputados, na quasi totalidade, cumpunham-na homens que haviam ensaiado as primeiras armas nas antigas Assemblèas provinciaes, onde se tinham destinguido pelo talento ou pela influencia politica que representavam e o Senado era o assento dos luminares da politica e da sciencia.

Que são hoje em dia esses corpos politicos dil-o a maioria do pessoal que os compõem, e, melhor que tudo, exprime o nivel em que, não raro, paira, —polvilhada de phrases emtadas ao vocabulario das paixões delirantes e á algaravia de alcouce,—a discussão das leis e dos magnos problemas da Nação.

Na Camara—para não fallar senão dos ultimos tempos—quaes os que ousariam hoje enveredar por essa estrada brilhante diariamente frequentada pelos Andrade Figueira, Joaquim Nabuco, Ferreira Vianna, Gomes de Castro, Affonso Celso, Duarte de Azevedo Francisco Maciel, Theodoro Machado, Mac Dowel, tu mesmo, e tantos outros?

E esses raios de luz que, dir-se-ia, jorram ainda hoje de cada um dos muros do Senado, como thezouro de fulgurações mysteriosamente guardado em urna de saphira pelo anjo zelador das nossas passadas glorias, representadas na geração illustre que collaborou na obra da independencia da Patria, legando como testemunho de sua sabedoria o codice das leis politicas e civis á cuja sombra vivemos livres e tranquillos durante sessenta e tantos annos, e da qual eram ultimos continuadores Cotegipe, Fernandes da Cunha, Lafayette, Ouro Preto, Jôsé Bonifacio, Silveira Martins, João Alfredo, Octaviano, Silveira da Motta, Candido de Oliveira e tantos mais, será porven-

tura a eloquencia e a sabedoria dos Srs. João Cordeiro, Pinheiro Machado, Frota, Vicente Machado, Esteves Junior e Arthur Abreu, que lhes alimentaráõ as secretas irradiações?

Do Conselho de Estado, dizia antigo ministro da Inglaterra, que nenhuma outra Nação conhecia que como o Brazil possuisse repositorio tão rico de sciencia politica e administrativa.

Reduzido a simples tribunal consultivo como projectava o Sr. visconde de Ouro Preto, que nova mésse de sciencia viria elle juntar aos monumentos de sabedoria já accumulados!

A administração das provincias, se excepcionalmente foi algumas vezes confiada aos menos capazes, certo, não o fôra jámais a personagens da estofa dos actuaes governadores de Pernambuco e Sergipe.

A's aptidões provadas ou presumidas nos escolhidos do Imperio, a Republica julgou preferiveis, (no que lhe acho razão, uma vez que, do que se tratava era de iniciar a obra da

anarchia) a de quantos alferes desabusados por ahi havia.

Tem-se dito que a federação veiu erguer as antigas provincias do abatimento a que condemnava-as ferrenha centralisação.

Todos sabem, porém, que antes do « 15 de Novembro » havia já soado a hora da sua emancipação *administrativa*, cujo primeiro brado echoára no Senado pela voz do meu saudoso amigo Barão de Cotegipe, fôra repetido pelo dr. Joaquim Nabuco com o vigor que a defeza das grandes causas nacionaes mais faz realçar o seu privilegiado talento, e o Sr. de Ouro Preto a incluira em o seu vasto programma de reformas.

Os que se recordam dos processos pacientes, reflectidos e illustrados a que era sujeita a elaboração das leis do Imperio, não porão duvida em acreditar que a federação das pro- havia de ser realisada de accôrdo com os ditames do bom senso e da previdencia, não pondo em nenhum caso em risco a integridade da Patria pelo rompimento de todos os

laços *politicos* que devem vincular os Estados á União, como o fizera a Republica.

Além do que, meu velho collega, que vale actualmente a pretendida autonomia d'esses Estados ante o capricho de qualquer dictador de quartel, dil-o a historia recente de quasitodos elles, nomeadamente a de Pernambuco e Sergipe, para não lembrar a do Ceará, durante o governo do mallogrado Clarindo de Queroz.

E' certo que os actuaes Estados tem hoje o direito de dispôr das suas rendas e que o seu patrimonio augmentára com os impostos de exportação, de transferencia da propriedade immóvel e com a posse das terras devolutas e terrenos diamantinos, cuja cessão grandemente desfalcou, entretanto, o activo da União.

A receita, porém, d'aquelles que por sua riqueza dispensam os auxilios d'esta, mal chegam para occorrer á enorme despeza com escusada e apparatosa representação legislativa, com abundante funccionalismo—em re-

gra o mais incapaz possivel—e, principalmente, com o verdadeiro pé de guerra em que se constituiram e mantem-se.

Exemplo vivo dessa imprevidencia cujas consequencias se me affiguram da maxima gravidade, fornece o rico Estado de Minas Geraes com a sua collossal loucura do «Bello Horisonte.»

Bem vês, meu caro Prado Pimentel, quantas reflexões suggere o artigo do collega e co-religionario Affonso Celso.

Uma vez, porém, que enveredei por esse caminho, percorrêl-o todo é dever de cavalheiro.

E, como seria pouco generoso abusar da tua benevolencia, que com ser uma das mais bellas prendas da t'alma, não é, todavia, das muitas que, pela raridade, eu mais admiro em ti, reservo-me para n'outra carta proseguir na tarefa que me impuzeste.

Teu

Pedro de Barros.

Outubro, 1595.

TERCEIRA CARTA

Meu caro Prado Pimentel

O golpe de estado de 3 de Novembro de 1891 fechou o cyclo do Governo do marechal Deodoro e á dictadura que este exerceu em *grosso* seguiu-se outra, praticada á *retalho* pelo marechal Floriano, sem duvida muito mais repugnante e odienta que aquella, porque tingiu-a muitas vezes o sangue de nossos concidadãos.

Os mesmos que, por amor e respeito á verdade constitucional, á 23 d'aquelle mez, impunham ao primeiro que se demittisse. já que praticára o grande crime de dissolver o Congresso Federal, tambem por amor e respeito á mesma verdade constitucional, applaudiam, e apoiavam a dissolução de quasi todos os Congressos dos Estados e a deposição dos governadores eleitos, realisada pelos processos de negra perfidia e em meio das scenas do mais revoltante canibalismo.

A fantastica sedição de 10 de Abril foi ensejo e pretexto para as mais flagrantes violações da Constituição e das leis e a revolta de 6 de Setembro o inicio de uma éra que ficará perpetuamente gravada na memoria dos filhos desta terra, — como testemunho tristemente eloquente da sua decadencia moral, — pela suspeita levantada contra tudo e contra todos, pela espionagem exercida até no interior da familia, pela profanação dos lares, pela violação do segredo das cartas, pelo esbulho da propriedade privada. pela incommunicabili-

dade de cidadãos qualificados nos cubuiclos da casa de correcção, pela suppressão da imprensa, pelo esbanjamento dos dinheiros publicos, pelos gastos fabulosos, pelas successivas e clandestinas emissões de papel moeda, pela effectiva intervenção das esquadras estrangeiras em nossas dissidencias intimas, pelas indemnizações arrogantemente reclamadas e pagas com sacrificio da dignidade nacional e das leis, pelos fuzilamentos em massa, pelos horrorosos morticinios de Pernambucc, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catharina, e, finalmente, pelas vergastadas e palmatoadas inflingidas a estrangeiros e nacionaes no famoso carro, 136 V, do major Vespasiano de Albuquerque.

Uma das maiores conquistas da Republica é ter conseguido perturbar e anarchizar as varias e multiplas manifestações da vida social.

Se se lançar os olhos para todas as relações que reciprocamente ligam o Governo ao cidadão e as differentes classes entre si, reconhe-

cer-se-ha que em todas ellas o germen do antagonismo, da indisciplina e da desordem penetrou fundamente.

A anarchia das ruas, não raro assignalada pelo derramamento do sangue em hecatombes argamassadas com o fermento das paixões em delirio e com o fanatismo das seitas intolerantes, menos perniciosa, todavia, que essa outra dos espiritos, no meio de cujas incertezas e sombrios designios vivemos hoje, é o symptoma denunciador do mal que o novo regimen, por seus fundadores, pelos seus pro-homens e pelos processos de que se ha servido para realizar a obra da chimerica consolidação, lançou n'alma popular.

As lutas que em mais de um Estado tem suscitado a criminosa conquista do poder, com o inevitavel cortejo de vindictas que provocam, o caudal de resentimentos e de odios que geram, de attentados a lei e ao direito a que levam e com as perturbações que lançam em todas as manifestações da vida nacional, são o fructo dessa anarchia moral, que ne-

nhum movel legitimo, entretanto, explica, por que só a inspira e accende o empenho que põe cada um em tirar da cousa publica a mais larga parcella de proveitos.

O serviço da Patria, em vez de *munus* honroso, passou a ser o ensejo disputado para a acquisição de cabedaes e poderio.

A competencia e moralidade dos Governos do Imperio, compostos de cidadãos que longo e proveitoso tirocinio preparava para as elevadas funcções governativas foi, além de outras, uma das razões a que o Brazil deveu o conceito de que gosou no exterior.

Os ministerios eram organisados e presididos por estadistas provectos e amestrados no manejo dos negocios publicos por uma existencia inteira votada ao serviço do Estado.

E se as conveniencias politicas ou o interesse dos partidos representados no parlamento, uma ou outra vez, obrigou a escolha de algum cidadão menos preparado para o alto cargo, a competencia do organisador, a

de seus companheiros e a sabia experiencia do Imperador vinham em auxilio do inexperimentado collega.

A representação do Brazil no estrangeiro fôi assumpto reputado sempre da maior importancia e a funcção diplomatica, em regra, confiada á funccionarios de carreira.

A lei que a organisou permittia ao Governo nomear em casos extraordinarios, fóra do respectivo quadro, os agentes diplomaticos, direito de que por vezes uzou para incumbir á Paraná, S. Vicente, Rio Branco, Cotegipe, Sinimbú, Saraiva e Octaviano de missões no Prata e em outras partes; em situações aliás menos difficeis e de gravidade muito menor do que essa outra bem recente, em a qual a solução de questões politico-internacionaes, que interessavam a paz externa, fôra entregue á ignorancia e á incapacidade de individuos, que lograram apenas assignalar-se ou pelo desembaraço revelado em repetidos saques contra o erario do Estado ou por desastrados convenios commerciaes, por negociatas de

esquadra e até pela teimosia em prestar conta ao Governo do seu paiz dos dinheiros confiados para certo fim.

De como o Barão de Penêdo correspondeu á confiança que o Imperio fiou dos seus talentos e tino politico, dil-o a historia de sua primeira missão aos Estados-Unidos, á Roma, durante o periodo agitado da chamada questão religiosa, e a dos serviços por longos annos prestados em Inglaterra ao credito e ao progresso da sua Patria.

O Sr. Lafayette, presidindo o tribunal arbitral reunido na capital do Chile, deu de sua sabedoria de jurisconsulto e de estadista o testemunho que attesta a universal aceitação pelo moderno direito das gentes dos principios que elle alli proclamou e defendeu com o brilhantismo do seu talento cultivado e a sua posterior missão aos Estados-Unidos, onde coube-lhe a honra de ser eleito vice-presidente do Congresso de Washington, bem outros resultados produziria para nossa Patria, se a proclamação da Republica não o ti-

vesse impedido de continuar n'aquelle posto.

Mysteriosa acção a do destino!

Foi a um cidadão educado nos exemplos de seu illustre pai e cujo espirito formára-se no ambiente — bem diverso — do Imperio, que coube a gloria de defender os direitos do Brazil ao territorio que a diplomacia republicana cedêra ao estrangeiro!

....

Durante o Governo do marechal Deodoro é que, como bem te has de lembrar, esta outr'ora pacata cidade testemunhou por primeira vez o espectaculo de uma *greve*, phenomeno social que á toda gente se affigurava irrealisavel n'um paiz que tamanhos sacrificios fizera sempre, e ainda agora faz, para obter immigração estrangeira.

As lutas do capital e do trabalho seriam por isso impossiveis no nosso meio social, se o pernicioso espirito de desordem e anarchia tivesse parado á porta do trabalhador, extranho aos interesses partidarios que cá fòra agitam outras camadas.

A' isso devemos, entretanto, a dezorganisação e a perturbação, entre outros, do serviço da mais importante estrada de ferro do Brazil, aliás, desde a quéda do Imperio e a reforma n'ella operada pelo ministro Demetrio Ribeiro, convertida em viveiro de ferozes paixões partidarias que o fanatismo de seita mais incandescentes torna.

A propaganda republicana realizou tão completamente a obra de indisciplina da força armada que, á 15 de Novembro de 1889, diminuta fracção do exercito, antepondo-se á vontade de quinze milhões de brazileiros, decidia da sorte das instituições que havia jurado defender e com as armas pagas com o imposto cobrado ao cidadão para lhe garantir os direitos, attentava contra esses mesmos direitos e feria de morte essas mesmas instituições, emquanto não chegava a hora de consummar a tragedia dos Estados e as tremendas hecatombes de que foram theatro os palacios dos governadores de Pernambuco e Ceará.

A estabilidade dos Governos, a garantia da ordem e tranquillidade, a decretação das leis, a direcção dos negocios publicos, o encaminhamento da vida nacional nas suas multiplas manifestações, ficaram desde então entregues ao capricho e á mercê da esquisita e irrequieta susceptibilidade do soldado, do qual constituiram-se prisioneiros os poderes da Nação.

Rotos todos os laços da obediencia e disciplina militar, era bem de vêr que a onda da desordem alastraria fatalmente a sociedade inteira, destruindo principios, afrontando leis e nivelando hyerarchias.

Que vale hoje o prestigio inherente á magestade das mais altas funcções sociaes, exprimem melhor que tudo os insultos e os doestos ainda ha poucos dias atirados á face do primeiro magistrado da Nação, em presença dos mais graduados representantes do poder publico e da multidão reunida em piedosa romaria em redor dos tumulos, por funccionarios subalternos do Governo.

Que se pode esperar de uma sociedade de onde por tal modo desertaram as mais triviaes noções até de rudimentar educação ?

O sr. Emilio Olivier observa algures, que a crença da igualdade é o grande erro dc nosso seculo o qual, á semelhança dos venenos subtis, invade os espiritos, governa-os, domina-os e torna-se por fim a causa dos desvios apparentes ou latentes pelos quaes cada epocha se caracteriza.

Ora, o despreso da lei, traduzido pelo desrespeito á autoridade que a representa, é o protesto brutal das massas ignorantes e rebeldes a toda idéa de desigualdade social, como se, no dizer do mesmo publicista, uma sociedade edificada sobre base tal, tão contraria á evidencia, ao bom senso e as possibilidades humanas, não vacillasse em seus fundamentos, como a montanha em cujo seio ferve a lava subterranea.

O pregão diario das nossas desgraças, feito pelos orgãos da imprensa, gera no animo de todos a crença deque desta terra desapparece-

ram todas as boas praticas e o culto das grandes idéas, que constituem o patrimonio civilisador dos povos, e a historia, embora ainda incompletamente escripta da recente tyrania, á qual nem faltaram a humilhação da Patria, nem o aviltamento do cidadão, acaba por convencer ainda os mais optimistas de que a Republica destruiu—em seis annos de existencia—a obra de progresso e civilisação que o Imperio realizou em mais de meio seculo.

Até segunda-feira.

Teu

Pedro de Barros.

Outubro, 16 de 1895.

—

QUARTA CARTA

Meu caro Prado Pimentel.

A propaganda republicana explorou fartamente a existencia de uma oligarchia politica representada, principalmente,no Senado vitalicio.

Pondo de parte a realidade do phenomeno, alias indestructivel e inherente a todos os regimens, resta saber se a preponderancia de um corpo politico, producto de repetidas selec-

ções sociaes e composto, como era o Senado, dos homens mais notaveis do Brazil pelo saber e pela pratica dos negocios, foi jámais um estorvo ao seu progresso e um obstaculo ao desenvolvimento da liberdade.

Além de que, sabem todos que as portas d'aquelle senaculo illustre estiveram sempre abertas, não como succede na livre Inglaterra aos direitos do sangue a camara dos lords, mas a todos os talentos, ás competencias adquiridas e provadas nos primeiros estadios da funcção legislativa e, finalmente, aos cidadãos que haviam ganho verdadeira ascendencia politica em suas provincias.

A influencia de uma corporação constituida de taes elementos manifestar-se-ia, por tanto, fatalmente, com vantagem e proveito do Estado.

E' por essas qualidades ou antes, é por esses traços geraes, e não pela circumstancia de haverem sido accidentalmente occupadas as cadeiras daquella casa por membros de uma mesma familia ou pelo facto innegavel da in-

fluencia e do prestigio do Senador reflectir no filho e no parente, abrindo-lhes facil, e quiçá immerecido accesso á carreira politica, que merece ser apreciado o papel que desempenhou na Monarchia o Senado, de onde, com razão dizia o Barão de Cotegipe, jámais sahira uma lei que não fosse o fructo da sabedoria e do patriotismo.

A historia, mais imparcial e verdadeira do que a propaganda, ha de reconhecer que os grandes vultos, que tanto honraram a Patria e a fizeram tal como a Republica encontrou-a á 15 de Novembro, chegaram até alli por aquelles predicados, nobre tributo pago pela Nação ao merito e aos serviços prestados.

Por que modo, porém, corrigiu a Republica essa e outras chagas do *ominoso Imperio*?

Substituindo a malsinada oligarchia do Senado por ess'outra de seita, incapaz, intolerante, exclusivista e eivada do fanatismo haurido nas demasias do chamado jacobinismo, a cuja força dá maior realce o abandono pro-

posital e persistente da massa activa da Nação das urnas eleitoraes.

No Imperio, em que peze a recordação aos enthusiastas do actual regimen, ministros da ordem de Portella, Pedro Luiz, Fleury e Paula Souza eram vencidos por candidatos da opposição, e não ha quem ignore, que os homens mais notaveis de ambos os partidos de ha muito preoccupavam-se com o magno problema da verdade eleitoral.

A lei Saraiva foi o grande passo dado para essa conquista, cujo complemento, se affigurava á muitos, viria da attribuição conferida ao poder judiciario, isento das paixões partidarias e solicitações politicas á que de ordinario obedecem os parlamentos, de apurar a escolha dos seus eleitos.

Ao envez das garantias que a patriotica solicitude dos estadistas do Imperio exforçava-se por imprimir ao processo eleitoral, o Governo provisorio offereceu-nos o apparelho de uma regulamentação, cuja paternidade alias repudiam os seus conhecidos autores e á cuja

sombra e sob cujos lineamentos foram inauguradas e ficaram sendo legitimadas essas grotescas saturnaes politicas de que tem sido theatro esta Capital e os actuaes Estados.

O maior desenvolvimento que a Republica allega ter dado á instrucção é tambem um dos titulos ao favor publico ; como se, suppondo mesmo que assim seja, resultado fosse esse inherente ao regimen e se as monarchias do norte da Europa, a Hollanda, a Allemanha e até a Italia, sobretudo depois de sua unificação, tivessem nesse particular que invejar a nenhuma republica.

Pelo que se refere a do Brazil, é certo, que assim nos Estados como na Capital Federal, o numero de escolas e professores augmentou em proporção igual a do mais funccionalismo.

Mas, além de que nenhuma estatistica ha ahi, por incompleta que seja, por onde se possa apreciar a differença da porcentagem entre os analphabetos de outr'ora e os de hoje, á julgar-se da capacidade do mestre pela

d'essa massa enorme de funccionarios que hoje enchem as repartições publicas, á começar pela Municipalidade — cuja renda, apezar do enorme crescimento, não chega para retribuil-os—bem pouco ha que esperar do ensino e bem mingoados serão os resultados que d'ahi virão á nossa terra.

O ensino secundario calcado nos moldes de ridiculo positivismo, á cuja influencia absorvente e perniciosa o Governo provisorio e o ultimo — que tanto nos felicitou — obedeceram,está bem longe de ser o que foi durante o Imperio.

Nesse tempo, se algumas vezes o valimento de protectores poderosos levou o Governo a preferir os menos capazes, o interesse superior e o patriotico empenho que o Imperador poz sempre no seu desenvolvimento decidiu na maioria dos casos a escolha dos mais habilitados.

Foi graças á esse interesse nunca desmentido que as escolas de Minas, as de Medicina e Polytechnica conseguiram organizar e enri-

quecer seus laboratorios e gabinetes e que o pessoal docente d'ellas e o das faculdades de Direito compunha-se dos cidadãos mais notaveis pelo saber e de estrangeiros illustres, os quaes, por sua influencia e prestigio, decidiram-se a trocar a patria que lhes fôra berço por esta, onde a sciencia tinha no seu primeiro magistrado o mais dedicado cultor.

Junta a isso a alta qualidade dos que dirigiam aquelles estabelecimentos e cuja nomeação não dependia como hoje das conveniencias republicanas e ninguem se deve admirar de que meia duzia de moços mal educados, obedecendo a corrente de anarchia que tudo ameaça subverter e com o direito que a ignorancia fátua se arroga sobre os nossos cabellos brancos, tenha imposto ao Governo a demissão do venerando Dr. Justino de Andrade de lente da faculdade que tanto honrára!...

Quem acreditaria, meu caro Prado Pimentel, que aquella outra do Recife, da qual ambos somos filhos, teria como successores

do velho Visconde de Camaragibe e do Sr. Conselheiro João Alfredo certos jovens bacharéis nossos conhecidos?

Se algum dia sobrar-me tempo para emprehender o estudo do que tem sido o regimen republicano nos paizes que o tem ensaiado ou que por elle regem— se ainda, hei de procurar verificar, se o extraordinario augmento, que apresenta o quadro do funccionalismo do Brazil, de 15 de Novembro para cá, è, conforme presumo e o dizem publicistas e historiadores, um mal proprio e inherente ás democracias, em as quaes, ao contrario do que succede nas Monarchias, o poder publico sente-se fatalmente obrigado—até por instincto da propria conservação, dependente dos capricho dos anonymato—a pagar com o dinheiro cobrado á parte da nação excluida dos seus favores, a incapacidade e a cubiça ociosa da outra parte.

Entretanto, os gastos com a realeza tem sido um dos grandes argumentos de que servem se os republicanos de toda parte e de que se

serviram os do Brasil contra a extincta Monarchia.

Observa, porém, conhecido publicista, que, «as pertubaçõ ·s a que periodicamente se acham sujeitas nos Estados-Unidos as multiplas manifestações da vida da grande nação, as lutas que as eleições provocam, as sommas fabulosas que se despende e o accumulo de perversão que, passadas ellas, fica na alma dos cidadãos, levam a preferir mil vezes outro regimen».

A' nós brazileiros, o que a experiencia de longo reinado mostrou, é que a chamada lista civil do Imperador era em tão grande parte distrahida em auxilios á pobreza, e obras de beneficencia que, com temor de levantar contra si as queixas dos protegidos do Glorioso Exilado, o Governo provisorio vira-se obrigado a continuar aquelle subsidio, pelo menos —*até reputar bem consolidada a Republica*—.

Os seus Presidentes, não consta, hajam imitado o desprendimento do Imperador, e eu não sei se o que custam os seus honorarios e

os gastos da sua casa civil e militar representa quantia menor do que o saldo da dotação Imperial, deduzido o que della sahia para soccorro da pobreza, para a educação de moços, para obras pias e até para *serviços publicos*.

O que sei, como sabe todo este paiz, é que o ordenado dos actuaes Secretarios de Estado, de 12 contos que era, passou a ser de 36, incluida a quantia destinada a despeza de representação (simples augmento de 200 por cento) que o dos funccionarios, cujo numero fora duplicado, foi elevado de 25 á 60 por cento; que a alta magistratura viu tambem accrescerem seus vencimentos de cento por cento; e, por fim, que o subsidio dos representantes da Nacão, cujo numero igualmente duplicou, ê hoje de 75$, quando só nos ultimos annos do Imperio o era tal o dos Senadores, sendo de menos um terço o dos Deputados; ao que accresce que, ao envez do que se praticava então, aquella diaria faz-se hoje effectiva por todo o periodo das prorogações,—as quaes além disso são, de direito decretadas pelo

Congresso; que a funcção policial é remunerada, o que não è, todavia, rasão para que tenha melhorado o policiamento; que o soldo e mais vencimentos do exercito, cujo effectivo é tambem hoje muito maior, bem como os da marinha, augmentam de cento por cento; que o numero dos pensionistas cresce espantosamente de anno a anno, em proporção igual ao das aposentadorias de cidadãos cuja validez attestam os misteres diversos em que empregam actividade que de direito e rasão devia ser ainda utilizada no serviço do Estado; que as repetidas commissões ao estrangeiro como premio de serviços feitos á obra da *consolidação*; a acquisição de esquadras cujos navios afundam em meio caminho; de torpedeiras e até de pomposos funeraes e de tumulos marmoreos onde perpetuamente repousem restauradores do caracter nacional—a tiro e palmatoadas—são outras tantas cousas com que a Republica de 15 de Novembro de 1889 nos tem proveitosamente edificado.....

Até quarta feira.

Teu

Pedro de Barros

Outubro, 20 de 1895.

****—****

QUINTA CARTA

Meu caro Prado Pimentel.

Os primeiros annos que se seguiram á quéda da Monarchia assignalaram-se ainda por uma desusada febre de negocios.

As empresas mais disparatadas, de instituições bancarias destinadas a auxiliar tentamens industriaes e outros, de concessões de estradas de ferro, de terras devolutas para fundação de nucleos coloniaes e melhoramen-

tos de toda sorte, foram organisadas do dia para noite e as acções, distribuidas em disputado rateio, eram no dia seguinte cotadas á preço superior ao seu valor realizado.

A essas innumeras empresas, cada qual de exito mais duvidoso, seguiam-se outras e outras ideadas em meio de copiosas libações, em ceias abundantes, por especuladores atrevidos, deslumbrados e seduzidos com os lucros realizados na vespera por outros igualmente afoutos.

Era a vertigem que attrahia todos os espiritos, distrahindo das suas occupações habituaes as differentes classes sociaes, produzindo aquelles agrupamentos enormes nos quaes só se ouvia a grita misturada das offertas e o écho das quantias pelas quaes os negocios se fechavam.

Massas compactas em ondulações incessantes moviam-se, agitavam-se, ora cresciam ora rareavam, abrindo caminho a caixeiros infieis e a aventureiros vindos de toda parte e convertidos em zangões e intermediarios que

injuriando-se, esbordoando-se á cada passo, chocavam-se, impediam a circulação e obstruiam a approximação dos Bancos.

Convulsos, febris, as faces empurpuradas e as roupas ensopadas pelo suor que lhes corria de todos os póros, os agenciadores da ruina do credito e do desbarato da fortuna adquirida pelo trabalho paciente de gerações honradas entravam e sahiam apressadamente dos escriptorios, onde viam-se reunidos felizes especuladores, enxames de outros emprehendedores disputando a preferencia de pomposos prospectos e improvisados corretores ávidos de uma autorisação para operarem.

Sobraçando grossos pacotes de dinheiro, producto do negocio que vinham de effectuar illudindo a boa fé dos incautos sedentos de riqueza e arrancando-lhes o lucro—momentos antes realizado em especulações analogas—os intermediarios despejavam-nos, sem verificação siquer das sommas que os rotulos accusavam, nas arcas do ouzado negociador.

A' tarde, á hora em que cessava a agitação

commercial, essa massa anonyma e despreoccupada do mal de que fora complice invadia as casas de joias e os armazens de luxo, convertendo em pedras e alfaias o dinheiro arrancado á bóa fê desorientada e ao idéal de riquezas adquiridas de improviso, emquanto os heróes da bachanal do dia, passeiando um despudor ao qual maior insolencia emprestava o ar de pansuda sufficiencia que os distinguia, lá se iam, repimpados em carruagens tiradas por parelhas de raça, quiçá de valor superior á elles mesmos, architectar novos engodos á confiança do povo na duração da aurora republicana, que assim surgia auspiciosa e feliz da noite apathica do Imperio.

O tremendo desastre da companhia geral das estradas de ferro em o qual foram sepultados, de par com as economias das classes trabalhadoras e operarias,—fructo de existencias inteiras de privações e sacrificios,—os avultados capitaes não empregados no commercio e nas industrias, aos quaes seduzia a certeza que se lhes déra de uma ga-

rantia effectiva e real, foi o ultimo golpe vibrado na fortuna particular e no credito interno.

A' cega confiança succedeu a absoluta descrença e a retracção do capital que lográra escapar á voragem assignala o periodo da reacção economico-financeira, cujos effeitos reflectem-se na notavel diminuição da actividade commercial, na ausencia de emprehendimentos uteis e, principalmente, nos embaraços em que actualmente se estorce a lavoura ante a impossibilidade de haver—até com o penhor mercantil da producção pendente — o dinheiro de que carece para colhel-a.

O Governo testemunhava a escandalosa jogatina e sem comprehender nem a instabilidade de situação tão ephemera, nem os resultados que d'ella adviriam, não só não procurou impedir-lhe os excessos, como ainda mais os animava por meio de quantas concessões e favores d'elle dependiam.

E' que, para elle como para muita gente

essas manifestações—loucamente prodigiosas da joven democracia—imprimiam em nosso ambiente social—aquelle bem estar geral,—de que fallava certa gazeta diaria.

Onde param hoje essas auras dil-o a penuria de quasi todas as classes, a carestia da vida, a elevação dos salarios, a excessiva progressão dos alugueis e do custo dos generos da indispensavel necessidade, assim de producção nacional como importados do estrangeiro, o augmento da contribuição e a taxação de toda materia até aqui não tributada.

Eu não sei se phenomenos são todos esses que possam ser com inteira justiça levados á conta do actual regimen ou ao defeito dos homens que o representam, e que a historia nos diz são os mesmos onde quer que a dedemocracia jacobina tenha preponderado.

O que sei é, que por uma filiação historica e fatal—digna sem duvida da reflexão e do estudo dos espiritos sérios—foi logo depois de sua proclamação que elles produziram-se e que é na constancia delle que, pela vez pri-

meira, o cambio, que outra cousa não é senão o fiel e o regulador do credito, baixou á taxa em que presistentemente se mantem, quando é certo que só accidentalmente e por momentos desceu no Imperio á 14, tendo-o alias a Republica encontrado á 28.

O que igualmente sei, é que — somente agora - o direito á incontestado territorio nacional sente-se seriamente ameaçado pela força de quem em outras éras o reconhecera e que a marinha de outra grande nação, invadindo terras, que os tratados declararam neutras, consumma cruel morticinio de brasileiros e, por fim, recusa restituir á liberdade os que conseguiram fugir á sorte de seus concidadãos.

Se me perguntarem, meu caro Prado Piemntel, como poderá a Republica sahir daquellas e outras difficuldades internas que tanto affligem a Nação e das complicações externas que tão fundamente a ferem em seus brios, dir-te-hei, quanto a estas, que, sem de nenhum modo pôr em duvida o nosso bom

direito, -que desejára não ver siquer contestado, — hesito, todavia, acreditar que possua o necessario prestigio e a autoridade moral para fazel-o triumphar um Governo que proclamou a sua inteira solidariedade com esse outro, que solicitára o auxilio material de esquadras estrangeiras para dirimir questões internas, e que, em vez de punir, premeia e mantem no mesmo posto de confiança o official accusado do assassinato—á falsa fé praticado—dos dous engenheiros francezes em Santa Catharina.

Do povo, dirão as potencias, não é elle fielmente representado por esse mesmo Congresso que, entre os enthusiasmos delirantes provocados pelas glorias da dictadura, justificou todos os seus crimes e proclamou a benemerancia de seus autores?

E que pode a gente redarguir á isso?

Taine observa que «o orgulho exaltado é a melhor sentinella para montar guarda ao direito, porque elle monta essa guarda para preserval-o e para satisfação de si mesmo.»

Onde iremos nós encontrar a fonte d'essa nobre virtude social?

Quanto á crise interna que parece já visinha da bancarrota, o remedio viria da competencia e do patriotismo do Governo, dos outros poderes publicos e de seus auxiliares; mas, dolorosa experiencia nos tem já sufficientemente mostrado o que d'elles podemos prudentemente esperar.

Os homens providos de talento bastante para em certo dia apoderarem-se de um organismo livre, tranquillo, intrego, moralisado, respeitado e acreditado e em pouco tempo completarem a obra da sua escravidão, do possivel desmembramento, da corrupção, da desordem, da anarchia ensanguentada e do descredito, não possuem, certamente, os predicados necessarios para emprehenderem e levarem á cabo a tarefa de sua reconstituição.

Alem do que, meu bom amigo, os apparelhos republicanos não possuem aquella mistura de flexibilidade e regidez que caracteriza os monarchicos, e tentar a empresa patriotica

da regeneração da Patria—pelo absoluto respeito á lei, pela severa economia dos dinheiros publicos, pelo aproveitamento das forças uteis, fechar o periodo das desordens, punindo os perturbadores do socego—é missão que se não pode *rasoavelmente* exigir da Republica, por que seria o mesmo que impor-lhe o suicidio.

A nossa historia republicana é a de todos os paizes sul-americanos: menos felizes, entretanto, do que nós, porque não conheceram nunca a liberdade de que gosámos out'rora; embora mais felizes do que nós, por que a historia não os accusará jámais do crime que o Brazil praticou, deixando morrer em terras de exilio o Venerando Cidadão que tanto o nobilitára e ao qual em grande parte deveu as liberdades de que gosou.

«O que mantem uma sociedade, ensina o historiador da «França contemporanea,» è o respeito reciproco dos seus membros em particular: para os governados, a certeza fundada de que os governantes não atacarão

jamais os direitos privados; para os governantes, a de que os governados não attentarão contra os poderes publicos.»

Foi por ventura sobre essas bases que organizou-se a actual Republica?

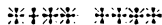
Dize-me tu, que muito mais entendido és do que eu em assumptos de tanta monta.

Por ora, fico-me aqui, emquanto não tento o estudo das finanças da Republica e o seu confronto com as do Imperio; questão que considero do maior interesse para todos nós.

Acredito que esse exame ha de convencer a toda gente de que, mais perto do que se pensa, ahi está a liquidação da mesma Republica—pela bancarrota.—

Teu

Pedro de Barros.

Outubro, 23—95.

SEXTA CARTA

Meu caro Prado Pimentel

O exame das finanças da Republica nos seis annos de sua existencia é motivo para bem desanimadoras previsões!

E' por esse estudo que se pode julgar dos vicios inseparaveis do regimen e da imprevidencia dos seus governos.

Eu já reconheci n'estas mesmas cartas a verdade daquillo de que, alias, nenhum espi-

rito sério já hoje duvida; isto é, que as democracias custam muito mais caro do que as Monarchias mais apparatosas.

Se a experiencia fosse tentada, vêr-se-ia que os gastos com as realezas seriam excedidos por outros mais avultados com todos e com tudo de que as democracias carecem para assegurar-lhes a existencia, nem por isso menos precaria.

Nesse regimen, o perigo reside na inconstancia da opinião deliberante, que fica á mercê dos agitadores dirigir ao sabor de suas paixões.

Dependente a existencia do poder publico da consagração da opinião, a periodica renovação é sempre uma ameaça que só se consegue conjurar pelo terror ou pela corrupção.

D'ahi, essas excessivas e crescentes despezas cuja applicação fica ignorada da nação e cuja utilidade traduz-se á final na sustentação ou na moderna linguagem,—na consolidação — das instituições, intermitentemente ameaçadas.

A' essa lei fatal, era bem de ver, o Brazil não havia de escapar, alem do mais, porque, o espirito de seita, a cuja perniciosa influencia o Governo provisorio não soube ou não pudera fugir, dictou os primeiros actos da jovem Republica.

Escluidas as forças uteis do Governo da Nação, já por effeito da natural suspeição, já por incompatibilidades creadas pela fé e coherencia politicas, foi a direcção do Estado entregue a inexperiencia e á incapacidade, ainda mais aggravadas pela necessidade em que vira-se a parte dirigente de cimentar adhesões.

Nas democracias sahidas das revoluções observa-se o curioso phenomeno do apparecimento de elementos atè a vespera ignorados e desconhecidos, os quaes, á semelhança da vasa sepultada no fundo, das aguas, que as tempestades geologicas trazem a superficie, turvam a natural limpidez das mesmas aguas e espalham no ambiente os germens deleterios que em si contém.

O observador que, passado o momento da tumultuosa irrupção, contempla os elementos novos e extranhos, póde desde logo predizer o futuro que espera á sociedade de que elles conseguiram apoderar-se.

Imagine-se uma multidão de loucas ambições para as quaes sôa a hora da demorada satisfação; de mediocridades presumidas em revolta contra uma ordem de cousas que lhes obstava as pretenções desarrazoadas e que veem chegar o momento de tudo tentarem e á tudo aspirarem; de vaidades longo tempo contidas que anciam por ser contentadas; de aspirações que se conta realizar e de caprichos e despeitos á vingar; e eis os elementos de que se compõem as democracias triumphantes do seio das quaes sahem os novos governantes.

Entregar á gente tal o governo de um povo, a direcção das suas finanças e o zelo do seu credito é reduzir as finanças ao estado a que chegaram as do Brazil e levar o credito ao menos preço em que é hoje tido o nosso.

Sinto, meu cara Prado Pimentel, não ter presente balanços regulares das finanças da Republica, desde 15 de Novembro até hoje.

O Imperio, apezar da multiplicidade de repartições arrecadadoras espalhadas pelo territorio das antigas provincias, não deixou jámais de os organisar e apresentar ao exameda Nação em épocas regulares. A Republica, porém, não só até hoje não nosforneceu balanços regulares, como, á julgar-se da aptidão de quasi todo o pessoal de fazenda pelo que o sr. Rodrigues Alves delle diz, não conseguirá jámais apresental-os.

Essa circumstancia impede-me, portanto, de tentar sobre a nossa situação financeira um exame tão minucioso como desejára.

Accresce ainda,que o relatorio, que o Sr.Visconde de Ouro Preto devia apresentar ao parlamento á não ser a revolta de 15 de Novembro, não chegou a ser distribuido, de modo que foi no do Sr. Conselheiro João Alfredo, relativo ao exercicio de 1888, e no do sr. Araripe que colhi os dados que adiante seguem.

Nesse exercicio, a renda que fôra orçada em 138.394:600$, accresceu de mais 6.575:054$ elevando-se, portanto á 144.969:654$.

A despeza, fixada em 159.695:539$, foi effectivamente de 142.450:538$, deixando o saldo de 12.209:001$.

O exercicio de 1889 accusa a receita de 160.060:744$ e a despeza de 184.565:947$.

Como, porém, aquella, que fôra orçada em 147.200:000$, elevou-se a mais 12.860:744$, o excesso de 11.477:875$ sobre a despeza orçada em 173.088:072$ e a de 184.565:947$ effectivamente realizada, deduzidos dos 12.860:744$ reduzem o *deficit* a 1.382:809$.

Attendendo-se, porém, a existencia do saldo liquido dos depositos, no valor de 2.231:639$, em vez de *deficit*, resta o saldo de 1.153:800$.

O orçamento de 1888 foi votado com o *deficit* de 21.264:039$. Na liquidação do exercicio accusa, entretanto, um saldo que reunido á somma de lb. 6.297.300, ou sejam 55.978:797$, producto do emprestimo effec-

tuado pelo Sr. Conselheiro João Alfredo, ao typo liquido de 96 e juros de 4 1/2 °/₀ constituiu o maior saldo verificado no Imperio; o de—74.623:563$,—como se vê do relatorio do mesmo Sr. Conselheiro Araripe.

A Republica ufana-se do crescimento da receita geral da Nação de 89 para cá; mas, além de que a fonte mais poderosa da renda publica é principalmente a lavoura de café, e a producção do precioso grão sómente depois do quarto anno é que começa a ser abundante, a consequencia é, que o elemento com que ella entrou para aquelle crescimento representa trabalho feito durante o Imperio.

A incontestavel progressão da receita é o effeito do desenvolvimento operado principalmente pela acção do tempo, e, em grande parte, pelo augmento dos impostos os quaes foram elevados na razão de 63 °/₀.

A verdade é antes, que o augmento da receita operava-se no Imperio natural e gradualmente. E' assim, que o exercicio de 88 encerrou-se com o saldo de 6.575:054$ e o

de 89 elevou a differença da receita arrecadada sobre a orçada ao algarismo de 12.860:744$.

O ministerio presidido pelo Sr. João Alfredo realisára o emprestimo externo de Lb.6.297,000 nas condições já indicadas; operou o resgate da divida fluctuante representada por bilhetes do Thesouro em valor superior a 40 mil contos; passando para o seguinte exercicio o saldo já referido de 74.623:563$, conforme se vê do relatorio do Sr. Araripe.

O Sr. de Ouro Preto, por sua vez, conseguiu levantar um emprestimo interno de 105.000:000$, que deixa em ser; tinha á sua disposição no Europa Lb. 5,000,000 ou sejam 44.450:000$, sobre os quaes podia saccar á descoberto; realisára nas mais vantajosas condições a conversão da maior parte da divida externa, economisando dest'arte ao Thesouro quantia superior a 3,800 contos annualmente e a 15 de Novembro entrega á Republica a somma de 127.551:000$, saldo em dinheiro nas arcas do Thesouro, no Banco Nacional, na Agencia Financeira em Londres,

nos Estados-Unidos ; a renda a arrecadar até o fim do exercicio e o producto do emprestimo de 1889.

Aquella massa enorme de recursos convém accrescentar 10.000:000$ que lhe era facultado retirar do antigo Banco do Brazil; 5.000:000$ que podia levantar do Banco Nacional e os 44.450:000$ do credito aberto em Londres e sobre os quaes podia saccar á descoberto.

O que fez, porém, a Republica de todos esses recursos para que no fim de seis annos, apezar dos novos emprestimos interno e externo, do excessivo augmento dos impostos, de uma assentada elevados de *mais 63 °/₀* da creação de novos, das tarifas *ad valorem*, nenhum só vestigio haja ahi que lhes atteste a util applicação, e ao contrario, veja-se, como se vê, á beira da bancarrota ?

O Sr. senador Moraes Barros, dizem as folhas de hoje, explicando hontem no Senado o seu voto contrario ás concessões de pensões, pediu aos representantes da imprensa que to-

massem nota de que, a divida nacional *actualmente conhecida* é de um milhão e oitocentos e noventa mil contos,

O illustre senador referiu-se, sem duvida, á divida contrahida pela Republica ; porque, se nesse algarismo quiz comprehender tambem a do Imperio, ficou muito á quem da realidade, como ha de reconhecer, se se dignar lêr estas minhas cartas.

Basta por hoje, meu caro Prado Pimentel.

O estudo dos algarismos não é dos mais attrahentes embora seja dos mais proveitosos e eu mesmo não desejo pôr em prova a tua muita benevolencia para com

Teu

Pedro de Barros.

Outubro, 24—95.

****—****

SETIMA CARTA

Meu caro Prado Pimentel

Na minha carta de sexta-feira deu-se um descuido de composição, que me apresso a corrigir.

O periodo que se segue áquelle em que começo a tratar do exercicio de 1889 deve ser lido assim.

« Como, porém, aquella, que fôra orçada em 147.200:000$, elevou-se a mais 12.860:744$,

os 11:477:875$, excesso da despeza orçada em 173.088:072$ e effectivamente de réis 184.565:947$, deduzidos dos 12.860:714$. reduzem o *deficit* a 1.382:809$. »

Os compositores compuzeram n'um dos ultimos periodos — folhas Bagé — em vez de folhas de hoje — como no original.

Não lhes quero mal por isso, porque, como sabes, não primei jámais pelos dotes calli graphicos, mas, precisava fazer essas corrigendas.

....

Vejamos agora qual era o estado da divida nacional, tanto interna como externa.

A divida interna fundada — apolices de juro de 6 °/ₒ reduzidos a 5 °/ₒ pelo ministerio Cotegipe — era de 381.665:3000$.

O papel-moeda do Governo, incluida a emissão para auxilio dos Bancos, representava o algarismo de 185.819:213$; os emprestimos das caixas economicas, cofre dos orphãos, etc., o de 42.172:918$ e o do Sr. Visconde de Ouro Preto, aliás existente em

ser, 105.000:000$, perfazendo tudo a somma de 714.657:431$.

A divida externa era representada por Lb. 22.271.000 ou sejam 187.989:190$ excluido o emprestimo, em ser, do Sr. conselheiro João Alfredo, na importancia de Lb. 6,277,300 equivalente a 55.978:797$, moeda nacional, que,addicionada áquella,somma 253.967:987$; pelo que restava resgatar do emprestimo Itaborahy, (1868),isto é,18.935:500$ e 34.232:500$ do Sr. Affonso Celso (1879), perfazendo tudo o algarismo de 307.135:987$.

Assim que, a somma dos encargos interno e externo que pesavam sobre o Imperio era de 1.021.793:418$.

Era esse, pois, o passivo da Nação apóz os sessenta e sete annos do Imperio, apezar de gravado com a importancia da divida colonial, e feitas as despezas com as guerras de sua independencia, da Cysplatina, a de Rosas e a do Paraguay durante cinco annos, com a revolução do Rio Grande que se prolongou por dez annos e os movimentos revolucionarios do

Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas e S. Paulo.

Para fazer face á elle havia, porém, além do producto da receita geral, sempre crescente, o avultado capital nacional constituido em terras devolutas, terrenos diamantinos, proprios nacionaes existentes em todas as provincias, arsenaes de guerra e marinha, fazendas de criação, pharóes, estradas de ferro, na sua extensa rêde telegraphica, na sua esquadra e no material de guerra.

Examinemos agora a situação financeira do Brazil, apóz a proclamação da Republica.

A divida interna, que era como notei, de 714.657:431$, foi augmentada, quanto ao papel-moeda, pela emissão confessada de mais 181.539:439$, de juro de 4 °/. ouro, e 5 °/. ; com os emprestimos das caixas economicas, cofre de orphãos, etc., que de 42.172:918$, elevaram-se á 54.259:490$; pelo accrescimo de mais 12.085:582$; com a divida fluctuante representada por bilhetes do Thesouro, que aliás havia sido de toda resga-

tada pelo Sr. João Alfredo, na importancia 6.517:500$: com o emprestimo interno de 110.000:000$ e mais os 100.000:000$ da emissão embora ainda não completada dos bonus bancarios ; com os 88.000:000$, saldo dos depositos; 14.000:000$, provenientes de dividas dos exercicios findos, e, por fim, com o lastro dos Bancos, de que lançou mão o Governo, na importancia de réis 304.714:390$.

O proprio Sr. Rodrigues Alves, á pag. 18 do seu relatorio, declara que o emprestimo feito á Companhia « Oeste Minas » que ficou sob a responsabilidade directa do Governo; a indemnisação dos Bancos regionaes ; a divida do Estado de S. Paulo, superior á 5,000:000$; as indemnizações provenientes da revolta ; o augmento dos vencimentos do exercito ; a restituição dos direitos de expediente dos generos importados dos Estados Unidos na constancia do tratado celebrado com essa nação e com o movimento das tropas no Sul—representam somma avultada

que tem de ser paga á medida que for sendo liquidada.

A' esses compromissos ha ainda que addicionar os que provêm dos contractos para as construcções navaes que, no dizer do mesmo Sr. Rodrigues Alves, elevam-se a grande somma.

Creio, meu caro Prado Pimentel, que nem tu, nem nenhuma das pessoas que perdem seu tempo com a leitura destas cartas me poderá taxar de exagerado calculando em 10.000:000$ a quantia que o Governo haja afinal de pagar aos Bancos, á titulo de indemnização e na de de 100.000:000$ o que venham a custar as novas construcções navaes, a restituição dos taes direitos de expediente e as indemnizações reclamadas ; tanto mais quanto, reputo escusado para dar maior relevo ao quadro das nossas desgraças, prescrutar o excesso de despezas com o vencimento do exercito, indagar quanto custa o movimento das forças do Sul, a quanto monta o *deficit* do exercicio, e de quanto as novas construcções navaes ex-

cederão o credito de 12.000:000$ já concedido.

Bastam para o meu fim os elementos indiscutiveis já fornecidos officialmente.

Delles resulta que, ainda sem fazer obra com o emprestimo a «Oeste de Minas» que deixo para incluir no balanço da divida externa, a interna do Brazil é hoje em dia de 2,032.688.241$, incluida a importancia de 332.000:000$ de creditos extraordinarios e supplementares que até hoje estão sendo discutidos nas duas casas do Congresso.

O algarismo verdadeiramente fabuloso de 2.032.688:241$ representa a somma de encargos internos de nosso desventurado Brazil no anno da graça de 1895, sexto da Republica!

Isto é, em seis annos de existencia elevou ella a divida interna de 714.657:431$ a mais 1.318.030:843$!...

Vejamos agora qual é a nossa situação financeira no exterior.

Essa situação, a 15 de Novembro de 1889, era a de uma divida de 307.135:987$.

A Republica augmentou-a, porém, com o emprestimo lb. 2.000.000 para que fôra o Governo auctorisado pela lei n. 265 de 24 de Dezembro de 1894 e com o ultimo de lb. 6.000.000, ao typo de 85 e juros de 5 °/° representando um e outro a somma de 176.000.000$, moeda nacional. Assim que, a importancia de desses novos compromissos, reunida ao da « Oeste de Minas », que é de 81.620.000$, sobe hoje a somma de 564.755:987$, em vez de 307.135:987$ que o era antes de « 15 de Novembro ».

Em conclusão, a Republica tem diante de si um passivo de 2.597.444:237$.

Como vês, meu amigo, prescindi de avultadas parcellas.

Isto é, a divida passiva do Brazil, que em 67 annos chegou á 1,021.793:418$, é hoje de 2,597.444:237$; augmentou, por tanto, de 89 para cá, de mais 1,575.650:819$: isto é, 262.608:469$833 por anno.

Sabes, meu Prado Pimentel, o que representa aquelle algarismo assombroso ?

Ao cambio de 24, muito mais do que a

enorme contribuição de guerra que a arrogancia tedesca do vencedor impoz á França vencida em 1870 !

E é nesse momento angustioso para a Patria que a Camara dos Deputados, dando o mais evidente testemunho de uma imprevidencia que se não qualifica, e abrindo um novo precedente na nossa historia, vota a pensão vitalicia de 2:400$ para cada um dos cinco filhos do *restaurador* do caracter nacional !........

Onde irá o Governo buscar recursos para accudir a liquidação de umas, ao serviço de juros e amortização de outras dessas dividas ?

Na receita ordinaria ?

No exterior ?

No credito interno ?

E se os não encontrar n'uma ou noutra parte, qual será o desfecho de tão apertada situação ?

A hypotheca da renda das Alfandegas, a alienação das estradas de ferro ou em ul-

timo analyse—a declaração de sua irremediavel insolvabilidade?

Deus se compadeça do Brazil.

Teu

Pedro de Barros.

Outubro 29—95.

—

OITAVA CARTA

Meu caro Prado Pimentel

Dei-me ao trabalho de colher elementos officiaes que me habilitassem a julgar dos prejuizos que a crescente depreciação de nosso meio circulante, da qual,—o cambio internacional é espelho fiel,— têm occasionado ao nosso desventurado commercio e, ao mais desventurado ainda, Thesouro Nacional.

Bem vês que taes prejuizos reflectem directamente sobre a massa dos habitantes, por uma série de phenomenos cujos effeitos todos experimentamos.

Isto explica o interesse que, presumo, ha de despertar em toda a gente e particular

mente no commercio d'esta Capital o estudo que me proponho fazer hoje nesta minha ultima carta.

. . . .

A média da taxa do cambio sobre Londres nos quinquenios de 1853 a 1889 foi a seguinte:

de	53	a	57—26	a	28	p.	1$
»	58	»	62—23 3/4	a	27 7/8	»	1$
»	63	»	67—23 3/4	a	26	»	1$
»	68	»	72—19 3/4	a	18 7/8	»	1$
»	73	»	77—24 3/4	a	26 1/2	»	1$
»	78	»	82—20 3/4	a	23	»	1$
»	83	»	88—20 1/2	a	20 1/4	»	1$
»	88	e	89—24 1/4	a	27 1/4	»	1$

chegando n'esse anno a 28.

Em Dezembro de 1889 a taxa do cambio desceu de 27 a 26.

Em 1890, o cambio que abriu a 25, cahiu em Fevereiro a 23 3/4; em Março a 21 1/2; em Abril 20 3/4, á cuja taxa, approximadamente, manteve-se até Dezembro.

Em 1891, a taxa bancaria abriu a 20 3/4; baixando gradualmente até 10 1/2; e de 1892

a 1895 foi oscilando de 12 3/4 até *9 pence por 1$000*!

Vejamos agora qual a importancia dos saques negociados no quinquenio de 1891 a 1895 pela praça do Rio de Janeiro e pelo Thesouro Nacional.

Esta foi:

Pela praça do Rio de Janeiro, de 1881 a 1895, Lb. 115.000,000.

(Cento e quinze milhões sterlinos.)

Pelo Thesouro Nacional, em 1891, cerca de Lb. 2.400,000.

Até Março de 92,	Lb. 2.712,000
A Maio » 93,	Lb. 2.900.000
A Abril » 94,	Lb. 3.770,000
De 94 a 95......	Lb. 3.500,000

Quer isto dizer:

O Thesouro remetteu para o exterior nesse periodo, Rs............	263.000:000:000$
A praça, cerca de Rs...	2.700:000:000$
ou.....................	2.963:000:000$

Se essa somma fabulosa houvesse sido remettida á taxa (diga-se) de 22 3/4 por 1$,

media dos annos de 85 a 90 e não á de 11 1/4 por 1$, como o foi, nem o Thesouro, nem a praça do Rio de Janeiro teriam soffrido o prejuizo de cerca de *um milhão e quinhentos mil contos de reis.*

Isto representa, meu caro Prado Pimentel, o imposto de 100$000 attribuido a cada um dos quinze milhões de habitantes d'esta terra, felicitada com o regimen inaugurado a 15 de Novembro.

Como uma devida interna de............ .... 2,032.688:241$, e de 564.755.987$ de divida externa, sommando tudo..... 2,597.444:237$, omittindo, como omitti, avultadas verbas por dependeram ainda de liquidação, entre as quaes a de 100·000:000$ *deficit* do exercicio já acusado pelo sr. Serzedello Corrêa, que espera o Brazil do seu actual regimen e dos seus governantes.

Um e outros poderão acaso evitar o futuro que aguarda a esta terra que tanto prezamos ?

....

Ahi fica meu caro Prado Pimentel, o meu

humilde juizo, quanto a questão sobre que me inquiriste.

Maniefestei-o com a lealdade que, alèm do mais, era dever rigoroso para com um velho amigo.

Todos os regimens tem os seus defensores e as tyrannias ainda as mais idiosas contaram [illegible]pre com fervorosos enthusiastas ou por [illegible] das vantagens que ellas lhes asseguram [illegible]lo temor de incorrerem no seu desagrado.

[illegible]ão faltará por isso quem me accuse de haver mal comprehendida e peior julgado a Republica.

Do que ninguem, porem, poderá arguir-me è de a ter calumniado por despeito do que perdi com o Imperio ou pelo que ella me recusára de bens.

Sabes que com o primeiro perdi apenas aquillo que perdemos todos nós: o que se foi no naufragio da civilisação brasileira a 15 de Novembro de 1889.

Da Republica, só o que individualmente pretendo, é o direito de viver tranquillamente na posse dessa—bem escassa e mal segura

porção de liberdade—que é tudo quanto ella pode offerecer aos seus adversarios.

Receio muito não ter correspondido ao que, por uma benevolencia propria dos espiritos superiores sempre propensos a atribuir aos mais o que nelles sobeja de competencia e criterio, esperavas de mim.

Se menti a tua sympathica espectativa, fiz quanto pude para dar rasão ao nosso jove-collega e correligionario Affonso Celso e justificar minhas preferencias pelo regimen em que vivi o melhor da minha vida, sobre esse outro que já me encontrou bastante velho para não tentar a gloria de admirar-lhe as bellezas, e bastante forte para não incorrer na falta de hombridade de que— tantos outros e por motivos tão diversos se tornaram culpados—.

Teu *ex-corde*,

Pedro de Barros

Outubro 30 95.

*****

AFFONSO CELSO

CONTRADICTAS MONARCHICAS

RIO DE JANEIRO

DOMINGOS DE MAGALHÃES—LIVREIRO EDITOR

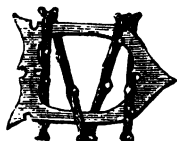
LIVRARIA MODERNA

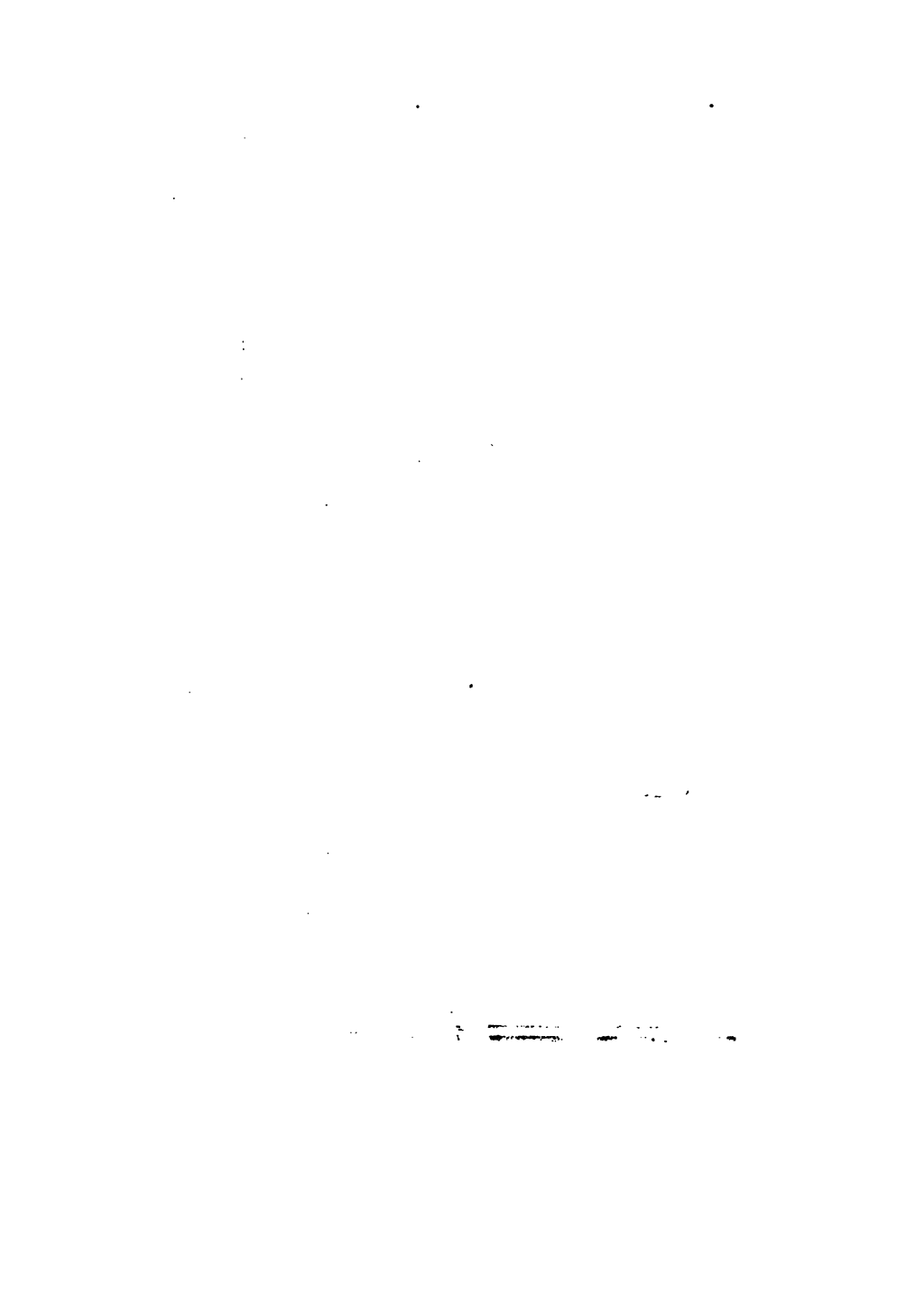
54 — Rua do Ouvidor — 54

—

1896

AFFONSO CELSO

Contradictas Monarchicas

RIO DE JANEIRO
DOMINGOS DE MAGALHÃES—LIVREIRO EDITOR
LIVRARIA MODERNA
54 — Rua do Ouvidor — 54

1896

Aos artigos de propaganda anti-republicana que publiquei no *Commercio de S. Paulo* e se acham reunidos em volume sob o titulo *Guerrilhas*, coube a honra de merecerem impugnação na mesma folha por parte de um dos mestres da imprensa brasileira, o Dr. Ferreira de Araujo, a quem, o despeito de militarmos hoje em arraiaes politicos radicalmente oppostos, desvaneço-me de consagrar levantado apreço e inalteravel estima.

Animado pela justiça de minha causa, afoitei-me a embargar com ligeira confutação as criticas e objecções do insigne jornalista contra o regimen deposto a 15 de Novembro de 1889 pelo exercito e a marinha, em nome da nação bestialisada.

Apresentadas por Ferreira de Araujo, taes criticas e objecções resumem por certo, de modo claro e completo, o pensamento de todos os adversarios do imperio. Ninguem as faria melhor.

As contradictas por mim formuladas constituem, com algumas alterações de fórma, o presente opusculo, dado a lume no intuito de concorrer para habilitar o publico a decidir de que lado está a razão.

Acredito que Ferreira de Araujo me levasse a palma no debate.

Isso, porém, apenas provaria ainda uma vez a superioridade de seus recursos dialecticos, que

sou o primeiro a reconhecer, e não a procedencia das doutrinas que defende.

Em todo o caso, este folheto representa um protesto contra certas apreciações inexactas ou apaixonadas, que, á força de repetidas sem replica, e não raro de boa fé, usurpam fóros de verdade, deturpando o criterio popular e difficultando a missão do historiador.

Alto da Serra (Petropolis) 5 de Dezembro de 1895.

A. C.

Para precisão e clareza de argumentação, destacarei em italico cada uma das proposições de Ferreira de Araujo que exigem resposta, copiando-as, quanto possivel, palavra por palavra, e observando a ordem chronologica dos artigos.

Em seguida á proposição, irá a contradicta.

De antemão peço desculpa ao meu amigo de qualquer phrase ou expressão que porventura lhe possa desagradar.

Todo o meu desejo consiste em cultivar e estreitar as relações amistosas que me prezo de manter com S. Ex.

Convem accentuar que Ferreira de Araujo teve a bondade de louvar sem restricções o meu grito de alarma chamando a postos os monarchistas, e não acha impossivel, mas apenas pouco estavel, a restauração.

Não é grande, portanto, o nosso desaccordo. Reduz-se a uma questão de prognostico, materia em que, — sabe-o o meu amigo, na sua qualidade de medico,— a natureza desmente muitas vezes formaes condemnações.

I

Artigo de 20 de Setembro de 1895.

— Deduz argumentos do meu discurso de estreia na Camara dos deputados para mostrar que a monarchia já estava condemnada, comprovando a autopsia do cadaver a certeza do diagnostico então formulado.

Sejam quaes forem as illações auctorisadas pelo discurso, que, aliás, o meu amigo parece ter amplificado algum tanto, com a liberdade do poeta, não podem ellas suggerir argumento de valia, desde que, amestrado pela experiencia, não pensa hoje do mesmo modo quem proferiu esse discurso.

O debate seria proficuo, se travado sobre os motivos da mudança de opinião, patenteando a improcedencia della, ou ácerca das razões externadas para convencer da inviabilidade das actuaes instituições, assignalando-lhes a fraqueza.

Notar, porém, que não penso, aos 3[illegible] annos, como pensava aos 20, o que, d[illegible] resto, fui o primeiro a confessar, não favore[illegible] a causa do meu amigo nem prejudica a minh[illegible]

E' possivel que Ferreira de Araujo tenha tido sempre e a respeito de tudo a mesma opinião.

Seria isso apenas um motivo mais para admiral-o, pois constituiria phenomeno nunca visto:—intelligencia superior e illustrada, mas immovel como um marco.

No meu livro *Guerrilhas*, externei ampla e francamente as razões que me levaram a ser republicano durante a monarchia e a tornar-me monarchista no dia em que a republica se proclamou, isto é, a desligar-me della no momento em que toda a gente a ella adheria.

Antes de me condemnarem, provem a inacceitabilidade de taes razões.

O meu amigo apontou, com indulgente encomio, a intuição politica de que dei signal, prevendo desde 1882, as condições do advento da republica.

De então para cá volveram 13 annos, durante os quaes é natural se me esclarecesse o criterio.

Não me negará, portanto, algum discernimento para asseverar hoje que a monarchia voltará fatalmente, após o mallogro do ensaio republicano.

A republica dispõi, não ha duvida, por emquanto, de dous esteios poderosos: a força armada e consideravel parte da mocidade.

Mas esses esteios soffrem a acção das influencias ambientes e não se podem contrapor por dilatado periodo á vontade da maioria do paiz.

Desde que o paiz se tornar restaurador (e vai-se tornando, se já não se tornou), a juventude, bem como o exercito e a armada, parcellas daquelle todo, hão de acompanhal-o.

Nas classes militares ha civismo, ha bom senso, ha intelligencia; e o civismo, o bom senso, a intelligencia determinarão a mudança do regimen inaugurado pela sedição de 15 de Novembro.

A mocidade é sempre generosa, amante do bem e da justiça, sequiosa de liberdade e progresso, facil de se deixar arrastar por idéas sympathicas, ungidas de poesia.

Esses requesitos, reuniu-os outr'ora o ideal republicano, mas perdeu-os na pratica. A republica *fez bancarrota*, mentiu ás suas promessas, trahiu os seus adoradores, revelou-se indigna da fé pura e elevada que lhe tributavam.

A reacção operar-se-á. As gloriosas tra-

dicções do imperio hão de inflammar a imaginação e o sentimento dos moços e fallar-lhes á razão.

Que typo historico mais susceptivel de suscitar enthusiasmo que o do magnanimo imperador, superior em sublimidade ao rei Lear, ainda maiòr no exilio do que no auge das grandezas, banido de sua patria e acclamado pela civilisação contemporanea em peso?

E Izabel, a Redemptora, menospresando a sua corôa para resgatar uma raça opprimida?!

Se ha assumpto capaz de inspirar uma epopeia nacional, analoga á dos Lusiadas, é a historia de D. Pedro II, desde a revolução que lhe embalou o berço até á apotheose dos funeraes em Paris.

As novas gerações, julgando com isenção, despidas de preconceitos, desinteressadas e nobres, serão exactamente os paladinos daquellas grandes victimas, reparando a ingratidão que ellas padeceram, com prejuizo geral.

Accresse que essas gerações adquirirão gradativamente a certeza de que a monarchia parlamentar representa um systema mais scientifico, mais liberal, mais disciplinador,

mais adeantado do que a republica, cujo prestigio unico reside em vaniloquios, possuindo, na realidade, de modo incomparavelmente mais nocivo do que a outra forma, ouropeis, cortezãos, phantasmagorias, privilegios.

Que é a republica, em ultima analyse, senão o privilegio inconstrastavel, immanentemente oligarchico da maioria eleitoral?...

Affirma Ferreira de Araujo que devemos ao 15 de Novembro o notavel serviço de ter creado entre nós a opinião publica.

Esquece o meu amigo que, se tal força não existisse anteriormente, impossiveis haveriam sido a Independencia, o 7 de Abril, a Maioridade, a Abolição, para só lembrar os movimentos culminantes.

Mas admittamos a exactidão do asserto.

Se o actual regimen engendrou a opinião popular, será, ao inverso da fabula de Saturno, devorado por seu proprio producto.

No dia em que a nossa massa social, mansa, economica, ingenua, mas cheia de hombridade, compenetrar-se de quão sacrificada tem sido ha seis annos; quando medir o alcance dos loucos esbanjamentos de sangue e dinheiro praticados; quando se imbuir do horror de certos crimes; quando avaliar o

que foi em comparação com o que é; quando abrir os olhos, em summa; — oh! em similhante dia, a atmosphera politica, saturada de indignação, agitar-se-á numa violenta tempestade purificadora.

E, no meio dessa tempestade, a republica desapparecerá, á imitação de Romulus, sem deixar vestigios.

II

A Republica está longe do fracasso de que se fala.

Conhece o meu amigo o sr. senador Moraes e Barros?

Não tenho a honra de estar relacionado com esse cavalheiro, mas me informam, sem discrepancia, que é um paulista ás direitas, franco, leal, escrupuloso, provido de solido bom senso.

E' irmão mais velho e amigo intimo do sr. presidente da Republica. A sua palavra reveste, pois, cunho official, devendo manifestar-se sempre cercada de intuitivas reservas e cautelas.

Na sessão do Senado de 19 do corrente, consoante o resumo da *Gazeta de Noticias*, o sr. Moraes e Barros assim se exprimio:

As nossas circumstancias financeiras são tão criticas, que não temos recursos proprios e vemo-nos impossibilitados de contrahir emprestimos no extrangeiro, porque os capitaes europeus já não têm confiança no nosso credito, não confiam na solidez da nossa Republica, e os capitalistas, ou negam o seu dinheiro, ou exigem condições impossiveis de serem acceitas.

. . . .

Pelas verbas do orçamento, temos um *deficit* de 56 mil contos, afóra o orçamento constante dos creditos que andam por fóra, que se pode chamar orçamento extravagante.

O orçamento que anda por fóra do orçamento propriamente dito sóbe talvez a mais de cem mil contos.

. . . .

E' preciso que nos impressionemos, que nos compenetremos da desgraçada situação financeira em que nos achamos.

A nossa tarifa já está tão alta, que é quasi prohibitiva; já afasta do mercado generos que antes vinham. O resultado deste afastamento é que a renda da Alfandega desta capital está diminuindo em cêrca de 63 contos por dia, e, como se isso não bas-

tasse, trata-se ainda de crear o imposto do sal e do gado, verdadeiras leis da fome.»

....

E o honrado sr. Moraes e Barros conclue as suas revelações, concitando os poderes publicos a combaterem a propaganda monarchica — *formando uma republica honesta, conservadora dos direitos dos cidadãos que aqui venham procurar abrigo, e que abra a estrada larga da liberdade.*

Formando uma republica honesta, *abrindo* a estrada da liberdade...

Logo, nem essa republica está ainda formada, nem essa estrada aberta, no conceito de s. exc.

Junte-se a isto a situação financeira acima esboçada e confessar-se-á que o fracasso, se já não começou, vem perto.

III

Quantas das reformas pedidas pelo estreiante de 1882 tiveram siquer principio de execução?!

Não poucas foram levadas a cabo, bastando recordar a da extincção do elemento servil.

E' certo que taes reformas se realisaram lentamente; mas só governos discrecionarios, como o provisorio, podem de golpe revogar ou promulgar leis.

E será um bem legislar de improviso?

Respondam, no fundo e na fórma, as substituições feitas ao que legou o passado regimen.

Nos paizes livres, o tempo é elemento indispensavel para a mudança de quaesquer instituições.

As opiniões não são accordes e os que se sentem contrariados oppõem resistencias, que obrigam a adiar e a transigir.

Salvo os movimentos revolucionarios que operam de momeuto, nenhuma reforma importante em paiz civilisado jamais se effectuou sem exforço, sem luta e, portanto sem tempo.

E, se não, aponte-se exemplo.

IV

Sob o imperio, não foi melhorada a instrucção publica.

Para refutar a asserção, lembre-se a predilecção especial do imperador por tudo

quanto se relacionava com a instrucção puclica.

Quando lhe quizeram levantar uma estatua, pediu que applicassem o dinheiro á creação de escolas,

Pela constituição então vigente, a instrucção primaria e a secundaria incumbiam nas provincias aos poderes locaes; só no Municipio Neutro competia ao governo geral prover sobre ellas.

O imperador instituiu e manteve, a expensas proprias, escolas perfeitamente organisadas, em Santa Cruz e na Quinta da Bòa Vista, e foi principalmente devido á sua influencia que muitas outras se fundaram, com excellentes programmas de estudo e em bellos edificios, a contar de 1870 principalmente.

Quanto á instrucção secundaria e superior, foram creação do imperio:

Os cursos de preparatorios annexos ás Faculdades de Direito, o internato e externato de D. Pedro II, o Asylo de Meninos Desvalidos, as mesmas Faculdades de Direito e as de Medicina, a Escola de Minas, a Polytechnica, os Collegios Naval e Militar, os Institutos dos Cegos e Surdos-Mudos etc.

Sob o ponto de vista da educação profis-

sional, o imperio legou a Escola Normal do Rio de Janeiro, os Institutos Agricolas, as Escolas Militares da capital, Rio Grande e Ceará, a Escola Superior de Guerra.

E nesta classe póde ser tambem incluido o magnifico Lyceu de Artes e Officios da referida capital, sempre subvencionado e protegido pelos poderes publicos.

V

A unica tentativa séria para reformar-se a instrucção militar deve-se a Benjamin Constant.

Não sei se o meu amigo se refere ao tempo do governo provisorio, ou ás anteriores administrações que mais se preoccuparam do assumpto, como as dos conselheiros Junqueira e Thomaz Coelho.

Nas medidas tomadas por estes não consta que influisse o Sr. Benjamin Constant.

Quanto ás reformas do governo provisorio, quaes têm sido os seus resultados?

Compare-se o que são hoje, por exemplo as Escolas de Medecina e de Direito, com o que eram em 1889, e motivo não haverá para

louvores de um espirito superior, como o de Ferreira de Araujo.

VI

A reforma das Escolas de Medicina foi devida á iniciativa do Visconde de Saboia.

Não ha contestar nem a iniciativa, nem os grandes serviços que prestou este eminente professor.

Mas, além de que não ha reforma que deixe de originar-se da iniciativa de algum homem intelligente e illustrado, nada conseguiria o visconde de Saboia sem o concurso dos poderes nacionaes.

Elle proprio, em folheto que mandou imprimir, attestou, com a habitual nobreza de sentimentos, que aquelle serviço foi devido principalmente ao apoio que encontrou no Parlamento, sobretudo no Senado, a esforços do então ministro do Imperio Leão Vellozo e do senador visconde de Ouro Preto, os quaes minuciosamente discutiram a questão.

VII

Inimizade do imperador para com Benjamin Constant, sempre preterido, apezar de classificado em primeiro logar em oito ou nove concursos.

A inimizade do imperador era realmente incontestavel e manifestava-se na multiplicidade de empregos exercidos pelo fundador da Republica, assim como no facto de ser chamado para mestre dos netos do sr. D. Pedro II!...

Pelo que toca á preterição, em mais de um concurso, ha engano.

Benjamin, ao que me consta, só fez um, recusando-se sempre a entrar em outros.

Da multiplicidade de seus empregos elle proprio dá testemunho.

O *Paiz* de 9 do corrente estampa a acta authentica da assembléa geral do Club Militar, celebrada a 9 de novembro de 1889, em que aquelle então tenente-coronel pediu plenos poderes para levar a cabo a sedição militar que derrubou a monarchia.

Nesse documento leem-se as seguintes palavras pronunciadas por elle:

—« A isso se compromettia (a tirar a classe militar de um estado de cousas incompativel com a sua honra e dignidade) sob sua palavra; *e desde já podiam ficar scientes de que, se fosse mal succedido, resignaria todos os empregos publicos que lhe foram confiados, quebrando até a sua espada.*»

Em outras palavras: — O sr. Benjamin Constant ia conspirar contra o regimen que lhe confiára varios empregos, servindo-se da auctoridade e das prerogativas dadas por esses mesmos empregos; e, caso a conspiração fosse suffocada, s. exc........ pediria exoneração dos ditos varios empregos!...

VIII

A' cerca de registro civil durante o imperio, sómente se regulamentou— não sabe Ferreira de Araujo quando — o de nascimentos. O que sabe é que, annos depois de decretado este, não se faziam assentos, por falta de livros.

Vai nesta asseveração outro engano.

O meu amigo anthipathisava com o

systema e pouca attenção prestava ás suas obras.

O registro civil foi estabelecido para todos os casos que o exigiam; o ultimo regulamento — n.º 9.886, de 7 de março de 1888 — foi expedido pelo Ministerio Cotegipe.

Não era completo o serviço,—é certo, e nem o podia ser:

— 1.º pela repugnancia da população, cujos sentimentos religiosos contrariava, ainda que sem motivo;

— 2.º em parte, pela razão dada e que é verdadeira. O fornecimento de livros reclamava despeza collossal que não podia ser feita de uma só vez.

Acaso temos melhorado a esse respeito, sob a republica?

Que produzio ella?

Apenas o casamento civil defeituosissimo e de modo que, para as classes pobres, é por demais pesado.

Se o meu amigo percorrer o interior, verá que nem nessa materia lucrou o paiz.

Não se julgue delle pelo que se passa na capital.

IX

> *A lei de 28 de Setembro de 1871 nunca foi cumprida: se o tivesse sido, a escravidão terminaria antes de 1888.*

Não é exacto: a lei foi executada tanto quanto permittiam suas proprias disposições, dependentes de formalidades que acarretavam grandes delongas. Mas, ainda quando rigorosamente cumprida em todos os seus preceitos, não extinguiria a escravidão dentro do seculo pela inefficacia dos meios que consignava.

E foi porque a pratica o demonstrou que os poderes publicos reformaram tal lei.

A lei de 28 de Setembro... Mas do despeito oriundo do movimento nella concretisado promanou a corrente victoriosa a 15 de Novembro.

Se ha gloria de que se possam orgulhar as instituições monarchicas e o paiz, é a do modo como se conquistou entre nós a abolição.

Houvesse a republica encontrado escravos, e conserval-os-ia até hoje.

X

Descentralisação administrativa.

Em 1888, o partido liberal scindiu-se porque uns tantos de seus membros arvoraram a bandeira da federação, recurso extremo.

Em 1.º logar uma rectificação. O partido liberal não se scindiu em 1888, em virtude da razão apontada.

Em principios de 1889, pelo orgão de seus representantes reunidos em Congresso, aquelle partido em peso repelliu a idéa da federação, como antagonica aos interessès collectivos e á unidade nacional.

Por ella opinaram simplesmente 10 ou 12 representantes, mas, desses mesmos, 2 ou 3 combateriam as largas reformas acceitas pelo Congresso em sua quasi totalidade, reformas que assegurariam a plena autonomia das provincias e municipios no que era do respectivo interesse, conservando integra a grande Patria.

Aos dissidentes fallecia força para abrir scisão.

Em 2.º logar, é sabido que o Acto Addicional á Constituição do Imperio (Agosto de 1834), obra dos liberaes, estabeleceu a descentralisação administrativa e a politica compativeis com a união do paiz.

Veiu, depois, a reacção conservadora, consagrada na celebre lei de interpretação que, em magna parte, inutilisou aquelle monumento de sabedoria.

A opinião, porém, continuou a insistir pela restauração e desenvolvimento dos bons principios e de maneira tal que os proprios conservadores mais emperrados se viram coagidos a fazer-lhe concessões mais de uma vez, adoptando medidas descentralisadoras.

Em 1869, o Sr. Paulino de Souza, ministro do Imperio, iniciou na Camara um projecto de vistas mais largas.

Por outro lado, a verdade é que a subordinação das provincias ao poder central, nos negocios a ellas peculiares, derivava mais da subserviencia e fraqueza dos seus delegados do que das prescripções de arroxo das leis conservadoras.

A assembléa provincial do Rio Grande do Sul sempre governou a sua terra, apezar

de taes leis e dos presidentes conservadores, seus adversarios, porque mostrava energia para manter os direitos e attribuições que lhe pertenciam.

Ultimamente, a idéa da maxima descentralisação, ampliando o Acto Addicional, tornára-se vencedora.

Sabe-se que o Visconde de Ouro Preto tinha projectos preparados para serem submettidos á Camara de 1889, logo em seguida á eleição da mesa.

Nesses projectos, estabelecia-se a mais completa autonomia das provincias e municipios.

Uma de suas idéas capitaes era recahir a nomeação do presidente, que serviria por 4 annos, em lista quintupla eleita pela provincia, e concedido o voto activo a todo cidadão que soubesse ler e escrever e não fosse vagabundo, nem mendigo.

Nomeado o presidente pelo governo geral, os demais incluidos na lista seriam os vice-presidentes, na ordem da respectiva votação.

No Municipio Neutro, o poder executivo da Municipalidade seria confiado a um cidadão eleito pelos comicios populares, tendo a mesma Municipalidade attribuições eguaes ás das assembléas de provincia.

Nestas, as ditas assembléas regularisariam o assumpto, como lhes aprouvesse.

Que mais razoavelmente se poderia exigir?

Não seria o receio de que, adoptadas, como infallivelmente seriam, taes reformas, se enfraquecesse a propaganda republicana, que levou os chefes a appellarem para as baionetas do exercito?!

E para a sublevação deste aliás, fez-se mister que o Sr. general Solon engendrasse e propalasse a falsa noticia de medidas de rigor, — acto qualificado, consoante a theoria da epocha, de *estratagema patriotico*.

Como quer que seja, será porventura a federação realisada pela republica preferivel ao que se pretendia effectuar?

Respondam as deposições e os factos de actualidade na Bahia, Sergipe e Alagôas; responda especialmente uma das mais altas mentalidades da nova geração e propagandista indefesso, o dr. Americo Werneck, no seu folheto *Erros e Vicios da Organisação Republicana*.

Eis como se exprime o eminente *historico*:

« Desta fórma, numa especie de corrida de aposta, querendo cada qual avantajar-se

A que aspiração correspondia?

A que lei obedeceu?

Se quizessem levantar a bandeira separatista, não teriam feito obra tão completa.

. . . . , ...

Antigamente, o centro depauperava os Estados; hoje são os Estados que sugam o centro.

De um grande mal fizeram outro maior.»

. . . .

Tristissima e irrecusavel esta apreciação, feita, repitamos, por um republicano historico, intelligencia e caracter distinctissimos.

E o que mais revolta é que nenhuma esperança existe de que esse estado de cousas possa melhorar sob o regimen vigente.

Qualquer reforma no sentido de obviar aos males indicados será repellida ***in limine***, pois a liberal Constituição de 24 de Fevereiro 1890 estatùe no § 4º do artigo 90:

« *Não poderão ser admittidos, como objecto de deliberação no Congresso, projectos tendentes a abolir a fórma republicana federativa, ou a egualdade da representação dos Estados no Senado.* »

Na realidade, progredimos muito, mas mesmo muito!...

XI

A indisciplina militar foi o imperio que a implantou e foi nas mãos da Republica que a bomba veiu arrebentar.

Se dissesse que o imperio não soube ou não quiz sopitar a indisciplina, por extrema tolerancia, quando era tempo, e cahiu victima d'esse erro, affirmaria Ferreira de Araujo inconcussa verdade.

Mas que implantasse o imperio a indisciplina de que foi victima, é, — perdôe-me S. Ex., — contrariar tanto a realidade dos factos como a significação das palavras.

Nasceu, porventura, o imperio de uma sublevação de quarteis?

Foram o exercito e a marinha que proclamaram a separação da metropole e acclamaram o Sr. D. Pedro I?

Assistiu o povo *bestialisado*, como a 15 de Novembro, ao movimento de 7 de Abril de 1831?

Deveu-se á força armada a maioridade de D. Pedro II, em 1840?

Se o imperio teve contra si o erro de

não haver reprimido opportunamente o espirito de insubordinação nas classes militares, muitissimo mais grave e mais funesta é a culpa da republica, que não só se constituiu pela rebeldia d'essas classes, mas a tem animado, favorecido e premiado.

Não ludibrie, pois, o esfarrapado do rôto.

No tempo do imperio jámais foram praticados em materia de disciplina os attentados que estão na consciencia publica.

XII

> *A republica era inevitavel, não só porque representava um passo para diante, como porque o imperio não tinha mais um erro para commetter.*

— *Um passo para diante* — E' simplesmente affirmar o que está em questão. Os factos demonstram o contrario: as condições do Brasil peioraram sob todos os pontos de vista.

E nem só aqui, em toda a parte, a republica tem provado mal, excepto na Suissa,

paiz em condições especialissimas, que em nenhum outro se encontram.

Seguramente o meu amigo não apresentará como governos modelos o da França e o dos Estados Unidos, nem attribuirá a prosperidade d'estes á sua organisação politica, pois observa-se prosperidade igual e civilisação superior em nações monarchicas.

Quanto ás republicas de origem hespanhola, todos sabem qual a segurança e liberdade de que n'ellas se goza.

Commetteu o imperio todos os erros.

Repetirei uma phrase do proprio Ferreira de Araujo: é facil de dizer-se, mas a prova?

Desculpe-me o meu amigo, porém proposições d'esta ordem são vaniloquios que admira sejam empregados por um espirito elevado como o seu.

O imperio praticou erros e não podia deixar de os praticar, — erros graves, ás vezes, concordo.

Mas assegurou a paz e a tranquillidade durante mais de meio seculo; respeitou a livre manifestação do pensamento e a liberdade do cidadão de modo tal que, por isso, chegaram a accusal-o de fraqueza os propagandistas mais esforçados da republica e que

mais abusaram da extrema tolerancia d'aquella epocha; manteve fóra do paiz o credito nacional em uma altura que não attingiram senão poucos dos mais poderosos Estados do mundo; combateu pela liberdade de seus vizinhos; conquistou o acatamento dos governos extrangeiros; promoveu todos os melhoramentos moraes e materiaes compativeis com os recursos de que dispunha.

Sejam quaes forem os seus erros, é enorme o saldo de seus beneficios.

E a republica?!

Era inevitavel e, todavia, viram-se obrigados a abrir os cofres publicos para fazer proselytismo, como francamente declararam em documento official.

Era inevitavel, e, comtudo, para que revestisse apparencia de legalidade, foi mister expedir-se o regulamento Alvim, cujo signatario jà veiu a publico declinar de parte da pesada responsabilidade!

Era inevitavel, e, sem embargo, após seis annos, o meu illnstre amigo conjura todos os brasileiros a que a consolidem!

XIII

E' agora que o Brazil está aprendendo a governar-se.

Em excellente escola, valha a verdade! A das deposições de governadores, da destruição de typographias, das prisões em massa, dos exilios, das palmatoadas, dos fuzilamentos, —incumbidos a quem?!... a jovens, que assim se vão profundamente imbuindo dos sentimentos de fraternidade que devem predominar num paiz democratico.

Realmente, comparados estes factos com um dos grandes attentados que Ferreira de Araujo imputa ao Imperio,—raspar-se a cabeça aos escravos recolhidos á prisão,— não se póde contestar que vamos em progresso na aprendizagem do governo livre!

A mesma folha de que o meu amigo é redactor-chefe e tanto illustra, a *Gazeta de Noticias*, fornece prova desse adeantamento.

Nos *tempos ominosos*, poude ella publicar quanto lhe aprouve, com a habitual independencia, sem que jámais a auctoridade a estorvasse.

Veiu a republica e, por umas cousas

innocentes, coagiram a *Gazeta* a suspender a publicação, por não pequeno periodo.

De assaltos a jornaes não falemos.

No Rio e em quasi todos as Estados registram os fastos republicanos numerosas façanhas desse genero.

E em algumas, como na da *Tribuna*, em que foi assassinado o desgraçado Romariz, correu sangue sufficiente para com elle se escrever um poema ás glorias do regimen inaugurado a 15 de novembro.

Em Pernambuco forçaram um jornalista a mastigar e engulir a folha em que imprimira um artigo de opposição .

Esse periodista nas contracções peristalticas consecutivas ao original repasto republicano, se alguma cousa ainda tugiu, não foi certamente: Viva a Republica!

XIV

A Camara liberal unanime de 1889 não foi a expressão da vontade livre do paiz.

A Camara de 1889, dissolvida pelo levante de 15 de Novembro, em sessões preparatorias, não era unanimemente liberal. Seria

unanime se não contasse um unico representante da opposição e basta lembrar que pelo Rio de Janeiro foram eleitos e haviam sido reconhecidos conservadores como Alfredo Chaves e Pedro Luiz, e, por Minas, republicanos, como Carlos Justiniano das Chagas.

Outros conservadores, como Gomes de Castro, pelo Maranhão, Aristides Pinho, pela Bahia, Francisco Bernardino, por Minas, haviam sido diplomados e nada auctorisa a affirmar qne não seriam reconhecidos.

Demais, que violencia foi então praticada?

O general Francisco Glycerio, na Camara, e o dr. Sylvio Romero na imprensa reconheceram que a eleição de 1889 correu perfeitamente livre. Unanimes e meramente compostas de designados são as Camaras de 15 de Novembro para cá.

XV

Contesta que a monarchia seja ainda a fórma de goveruo da maior parte do mundo.

Para chegar a essa conclusão, declara que monarchias como a China, a Turquia, os go-

vernos indianos e a autocracia russa não são o governo de escolha das respectivas nações.

Em que apoia a asserção?

Não me consta que algum desses paizes haja manifestado predilecção pela republica.

A verdade inconcussa é que nove decimos da população do globo vive sob o regimen monarchico, de que se encontram analogias em toda a natureza.

XVI

> *Essa calamidade (a restauração) está para sempre arredada do campo das hypotheses.*

Linhas abaixo, porém, desse mesmo artigo (9 de outubro), Ferreira de Araujo accrescenta: « não considero impossivel a restauração ».

Em que ficamos? Está ou não está fóra de hypothese a volta do governo decahido?

Admittindo aquillo que negára, o meu amigo pondéra: « o que considero impossivel *é a restauração estavel.* »

E a principal razão porque assim pensa é que—já começa a haver opinião publica, *que só nasceu no Brazil, depois de 1889.*

Sendo assim, onde se manifestou e qual foi a opinião que, exigindo ao principio a descentralisação administrativa, reclamou depois a federação, fez a emancipação dos escravos e havia condemnado a monarchia,— opinião a que Ferreira de Araujo tantas vezes se refere?

A contradicção é flagrante.

XVII

> *A monarchia não será estavel, porque o proprio marechal Floriano, apezar do seu dominio absoluto e da força de que dispunha, se tentasse proclamar-se dictador, achar-se-hia isolado desprestigiado, só.*

Não discutamos se o *dominio absoluto* do marechal Floriano não importou em verdadeira dictadura, ou melhor, tyrannia, sem que elle se achasse desprestigiado nem só. Questão de palavras.

E' exactamente porque a monarchia não disporá de tal dominio absoluto, nem praticará os excessos do marechal que se justifica a sua estabilidade.

XVIII

Não disporá de homens de Estado, de homens de pulso, capazes de enfrentarem uma situação difficil.

E conta-os, porventura, ás duzias esta republica que ainda não produziu um só?

Nem é exacto, como pretende o meu amigo, que a maior parte dos homens do antigo regimen hajam perdido o prestigio por falta de firmeza de convicções e de constancia, nos tempos adversos.

Afóra alguns, que se podem contar pelos dedos de uma só mão, tem elles procedido correctamente.

XIX

Ha um elemento preciosissimo, se não preponderante, que repelle a restauração:—a mocidade.

Sim; considero tambem a mocidade um elemento inestimavel, e d'ella me occuparei em artigo especial.

Mas :

1.º — Nem toda a mocidade repelle a restauração ; no seio das Academias ha muito moço monarchista de talento e futuro ;

2.º — A mocidade que esteja no caso de oppor-se á restauração é minoria no seio do paiz ;

3.º —A mocidade obedece ás influencias do meio; se o Brazil se mostrar monarchista, ella não ficará á parte ;

4.º — A mocidade, se é o enthusiasmo, o desinteresse, a fé, é igualmente a inexperiencia, que não póde produzir a felicidade de nenhum povo.

Não estão quasi exclusivamente povoadas de gente nova as repartições publicas ?

Viu-se alguma vez n'ellas balburdia similhante ?

Ainda não ha muitos dias percorri largo trecho da Estrada de Ferro Central ; só avistei galhardos moços nas estações.

Tambem nunca occorreram alli tantos, tão repetidos e tão lamentaveis desastres.

XX

> *Na Europa a monarchia tinha por si o elemento das familias; no Brazil o thema predilecto dos serões familiares era dizer do imperador o que diziam no recinto da Camara Ferreira Vianna, Andrade Figueira, Salles Torres Homem, e Silveira Martins.*

Assim é, em parte. Mas, para bem avaliar a gente as vantagens de que gosou, é preciso tel-as perdido. Só se aquilatam dos beneficios da saude, durante a enfermidade.

Os nomes citados fornecem ainda uma demonstração em favor das instituições decahidas.

Aquelles homens publicos externavam as suas opiniões com a maxima liberdade e segurança, sem que nunca os seus conceitos mais duros, mais vehementes, ou mais injustos, constituissem embaraço a que ascendessem ás culminantes posições politicas, dependentes do chefe do Estado ou dos governos que combatiam.

Aconteceria hoje o mesmo?

Recorde-se o que ia succedendo ao deputado Benedicto Valladares, só porque ousou dizer que tinhamos comparativamente mais generaes e mais estabelecimentos de educação militar do que a França, apezar do immenso exercito desta.

Bastou a noticia de que os monarchistas iam fundar orgam seu na imprensa, para que chovessem contra elles as ameaças e se congregassem mil elementos hostis ao apparecimento do jornal, que se propõe discutir calma e moderadamente.

XXI

O Brazil só tem 2 caminhos a seguir: ou toma juizo e consolida a republica, ou continúa a fazer tolices, e ahi vem a anarchia.

Apoiado, com esta modificação: ou toma juizo, mudando radicalmente de rumo, isto é, restaurando o imperio, ou continua a fazer tolices, isto é, a manter a republica, e ahi vem a anarchia.

Tomar juizo e consolidar um regimen,

que só tem praticado tolices, são cousas incompativeis.

Continuar o dominio da tolice!...

Não se póde lavrar mais severa condemnação do systema que nos degrada ha seis annos!

E quem déra que fossem só tolices, desacompanhadas de morticinios e outros revoltantes abusos!

Ahi vem a anarchia...

Vem, meu caro amigo; vem, com certeza; está perto, se não abandonarmos a funesta vereda encetada a 15 de Novembro.

Registre-se tão significativa confissão: *ex abundantia cordis os loquitur.*

XXII

Chamar a postos os monarchistas importa reconhecer o espirito de tolerancia da actual situação, espirito de que são unicamente capazes os governos que se sentem apoiados na opinião

« Que é a tolerancia? — indaga Voltaire, no seu celebre tratado sobre o assumpto.

E' o apanagio da humanidade; somos todos amassados de fraquezas e erros; perdoemo-nos mutuamente as nossas estulticias, — eis a primeira lei da natureza. »

Não; a tolerancia não equivale a um attestado de força. Gera-a frequentemente a consciencia da inutilidade das perseguições e violencias.

Consignam-na todas as constituições escriptas, como elemento basico das aggremiações humanas.

Triste paiz aquelle em que a incorporação de um partido politico, quer dizer, de uma corrente de idéas, fôr encomiada como acto de tolerancia por parte dos dominadores !

A observação do meu amigo importa confessar que a monarchia se apoiava na opinião, pois que nunca houve governo tão tolerante.

Ferreira de Araujo, porém, não interpretou bem o pensamento dos monarchistas.

Não ha negar que, na capital federal e em alguns Estados, os altos funccionarios se mostram hoje mais tolerantes do que na situação passada ; mas, na maior parte do paiz, continúa a politica da mais desbragada violencia e esmagadora compressão. Na

propria capital, assim como em os poucos Estados que constituem a excepção, o jacobinismo ameaça o emprego de meios de exterminio contra os que ousam tentar apenas doutrinar e convencer.

E taes ameaças não são de desprezar-se, desde que o governo tem mais de uma vez capitulado com os exaltados, que se impõem pelo terror.

A nova attitude que aos seus correligionarios aconselham alguns monarchistas explica-se por outra fórma.

Os adeptos do regimen passado mui propositalmente se retrahiram da scena politica, deixando a seus adversarios plena liberdade de acção.

Estavam convencidos de que a mais efficaz opposição a mover-se contra a republica era deixal-a entregue a si mesma, para que sem o menor estorvo puzesse em pratica os seus processos de governo, realisando todas as suas idéas, antagonicas ás do systema decahido. Achavam-se persuadidos de que tanto mais se desacreditaria quanto menos obstaculos encontrasse.

Esse resultado está conseguido; a experiencia foi rude, mas proveitosa.

E' da republica que se póde dizer,

como injustamente affirmou do imperio Ferreira de Araujo: nenhum erro resta a commetter.

O procedimento dos monarchistas já não deve ser o mesmo. E' tempo de abandonarem a reserva em que se têm mantido para mostrar ao menos como podem ser attenuadas as funestas consequencias dos desmandos perpetrados.

Ferreira de Araujo applaude a resolução e nem outra cousa era de esperar-se de um espirito esclarecido e patriotico.

Quantos, entretanto, nas fileiras em que milita e cuja direcção lhe competeria, si ella coubesse na republica aos mais idoneos, pensam de identica maneira?

XXIII

A responsabilidade dos males que o paiz tem soffrido não pertence aos vicios do systema, mas aos erros dos que o tem praticado e em parte tambem ás condicções em que a republica recebeu o governo.

Os monarchistas falam constantemente na prospe-

> *ridade financeira do paiz, porque o cambio estava a 27, mas esquecem-se — 1º. de que jámais conseguiram equilibrar os orçamentos e que as apparencias de fartura do Thesouro vinham dos emprestimos a jacto continuo com que se ia consolidando a divida publica;—2.º de que a crise financeira de cujos effeitos a republica ainda não conseguiu libertar-se não foi mais do que o desenvolvimento exagerado, morbido, febril, alucinado, do estado de espirito que precedeu immediatamente á mudança das instituições.*

Por partes. A logica de Ferreira de Araujo não se mostra aqui com a costumada lucidez.

Os males que assoberbam o paiz, provenham elles dos erros dos que tem praticado a republica, como S. Ex. quer, ou do systema, como julgamos nós, não são unicamente financeiros.

E prouvéra a Deus que o fôssem: — ninguem hesita diante do terrivel dilema: a bolsa ou a vida.

Esses males fazem-se sentir em todos os ramos da administração publica, affectam todos os mais sagrados direitos individuaes. — A egurança, a liberdade, a vida, a consciencia dos cidadãos estão em permanente perigo e tem sido sacrificadas da maneira a mais cruel.

Para jnstificar taes males o insigne publicista não descobre outra razão além das difficuldades financeiras do imperio e do inicio de especulação de bolsa nos ultimos dias da monarchia!

Argumentos de tal ordem evidenciam a fraqueza da causa qne patrocinam.

A superioridade das circumstancias economicas e [financeiras do imperio, relativamente ás actuaes, não se manifestava sómente na taxa cambial, — senão tambem no progresso da industria, nas mais faceis condições de existencia de todas as classes, nos menores encargos do Thesouro Publico, na fiscalisação de seus dispendios, no augmento da receita sem sensivel aggravação de impostos, no elevado e inabalavel credito dos titulos brasileiros no mercado universal.

E' certo que poucas vezes poude o imperio equilibrar seus orçamentos, e nenhum monarchista pretende que a respectiva administração financeira fosse um modelo de previdencia e sabedoria.

Mas que paiz do mundo, ainda dos mais prosperos, ricos e bem governados, conseguiu até hoje esse *desideratum*?

O desequilibrio orçamentario e o augmento da divida publica são a sorte commum de todos os povos civilisados, em limites razoaveis, comprehende-se, ultrapassados de ha muito pela nossa republica.

E cumpre não perder de vista que a monarchia brasileira não geriu os destinos de um paiz já organisado, onde todas as instituições, todos os serviços necessarios e uteis existissem e funccionassem ainda que embryonaria e defeituosamente.

Quando o Brazil proclamou a independencia, sua situação, tanto sob o ponto de vista dos recursos pecuniarios, como do adeantamento moral, era somenos à da mãi—patria, aliás apeiada do antigo prestigio e uma das nacionalidades mais fra as do velho mundo.

Entretanto, sob o regimen monarchico, em poucos annos, o Brazil collocou-se em

posição invejavel por muitas dessas nacionalidades, não lhe disputando primasia no nosso continente senão o colosso do norte, o qual, desde a descoberta, teve a seu favor elementos de progresso de que nunca dispuzemos.

A verdade historica, que nem o grande talento de Ferreira de Araujo logrará escurecer, é que, se a administração financeira do imperio teve erros, que os proprios monarchistas eram os primeiros não só a denunciar como a procurar corrigir, não se arreceava de confronto com as mais escrupulosas e adeantadas.

A verdade é que a esse respeito constantemente progrediamos, sendo que na confecção, distribuição e applicação dos orçamentos, assim theorica como praticamente, muita cousa nos poderiam copiar nações mais cultas.

A'cêrca de legislação fazendaria, como ácêrca de outros assumptos, medidas que em taes nações ainda constituiam artigos de programma dos partidos avançados, haviam já sido entre nós experimentadas, abandonadas por inefficazes ou aperfeiçoadas.

A natureza deste debate não tolera minuciosidades comprovativas destes assertos.

E' possivel que algum dia tratemos da materia mais de espaço. Por emquanto limitamo-nos a affirmar o que ahi fica, sem receio de contestação séria.

Tambem não podem soffrel-a as seguintes proposições que não duvidaremos explanar opportunamente:

1.ª Numerosos emprestimos contrahiu o imperio, e ainda mal, mas, todos elles por motivo de força maior, em condições taes que não admittiam outro alvitre sem compromettimento dos interesses culminantes, ou sacrificio da dignidade nacional;

2.ª Por muito elevado que se compute o algarismo da divida legada pelo imperio á republica, essa divida estava mais que muito compensada nos melhoramentos materiaes e nas propriedades que elle encorporou ao patrimonio publico, uma parte do qual unicamente produziria de sobejo para resgatar a mesma divida, o que ora não succede.

Mas se, não obstante tudo isto, entende-se Ferreira de Araujo com direito de condemnar o imperio porque contrahiu dividas, impossiveis de evitar, o que dirá da republica que em seis annos augmentou essas dividas em proporções immensamente

maiores que as attingidas pela monarchia nos seus 67 annos de existencia?!

Ferreira de Araujo assevéra que o *encilhamento* brotou de actos praticados nos ultimos tempos do imperio e cita, em abono do seu parecer, o que occorreu, ao installar-se o Banco Constructor.

E' exacto que em tal occasião o publico fluminense representou scenas denotadoras de enorme affluencia de capitaes, extrema confiança na situação financeira e desejo temerario de atirar-se a especulações.

Succedeu o facto trinta e poucos dias antes do levante de 15 de Novembro.

Era uma tendencia perigosa,—não ha duvida, se incriteriosamente encaminhada.

Assim o comprehendeu o ministro da fazenda e entendeu-se logo com os principaes banqueiros, (os quaes poderão testemunhal-o) declarando-lhes que o governo via com maus olhos aquelle symptoma, aconselhava que moderassem o movimento e, se mister se tornasse, empregaria meios energicos nesse sentido.

Tratava-se de um governo constitucional, com limitados meios de acção.

Sobrevem a republica, omnipotente, livre, vendo o povo *genuflexo aos seus pés*, na phrase de um de seus hierophantes.

limites sensatos, deparando-lhe desenvolvimento *exaggerado, morbido, febril, allucinado.*

Se, porventura, excessos houve por occasião da organisação do Banco Constructor, repetimos, nenhuma responsabilidade dahi advem ao governo de então.

Não influiu este de modo algum, directa ou indirectamente, para a creação desse estabelecimento; nenhuma concessão, nenhum favor lhe fez; nem sequer interveiu para a approvação dos Estatutos, pois as intuitos a que se propunha o Banco não dependiam de tal formalidade.

Demais, como já ponderamos, não parecendo ao dito governo nem natural nem razoavel a grande procura que obtiveram as acções do novo instituto, tratou o ministro da fazenda de pôr côbro a essa má tendencia, entendendo-se com os directores dos Bancos naquella epocha existentes, esforçando-se para que não animassem de maneira alguma tal tendencia, já impedindo que por ella se deixassem arrastar os seus clientes, já difficultando os descontos.

E o ministro declarou que procederia energicamente, conforme as circumstancias aconselhassem.

Estão vivos, dissemol-o, a mór parte

desses directores, que podem dar testemunho do occorrido.

Ferreira de Araujo, porém, contesta que os esforços do ministro lograssem ser bem succedidos, desde que, com attribuições limitadas, falleciam-lhe meios legaes de ingerir-se proficuamente no caso.

Mas esqueceu-se da influencia moral que exercia aquelle ministro e presidente do conselho, não só pelas suas relações pessoaes com os referidos banqueiros, senão pelo prestigio que o cercava e pela acceitação geral encontrada pela sua administração financeira, louvada e applaudida não raro pelo proprio e insuspeito actual censor.

Esqueceu-se ainda mais do quanto seria facil ao visconde de Ouro Preto alcançar no sentido de suas idéas, tornando salientes, por via da discussão na imprensa, os males que proviriam do facto que o impressionára.

Não advertiu tão pouco o meu amigo que a sua observação importava na mais vehemente censura contra aquelles que intenta innocentar.

O visconde de Ouro-Preto, adstricto ás attribuições prescriptas por lei, não podia agir directamente para embargar os desmandos da especulação; os unicos meios de que

poderia lançar mão seriam indirectos e suasorios.

Mas que fez o governo provisorio que se apossou da plenitude dos poderes publicos, e exercendo-os dictatorialmante, legislou como quiz e sobre o que lhe aprouve, sem dar contas a ninguem e sem a mais ligeira critica, — que fez o governo provisorio para cohibir taes desmandos ?!

Absolutamente nada. Ao contrario, como não se pejou de confessar, animou-os, protegeu-os, de sorte que a especulação tornou-se exaggerada, morbida, febril, allucinada, — e isso no intuito de angariar sympathias para o nascente regimen.

Por conseguinte, se a tal respeito merece censura o governo da monarchia, em formal condemnação incorreram seus successores.

XXV

> *A filiação é tão perfeita que os grandes personagens dessas façanhas* (a jogatina da praça) *na republica foram os mesmos que as iniciaram durante o imperio.*

Inexacto: no unico facto de supposta condemnavel especulação que se aponta como

tendo-se realisado sob o imperio, figuram dous nomes, que aliás, gosavam de posição saliente no commercio e que continuaram a intervir na criação de emprezas, após a proclamação da republica.

Fóra desses dous, os muitissimos outros que depois se celebrisaram, ou eram então completamente desconhecidos e surgiram da noite para o dia, como cogumelos, ou occupavam-se de mistéres alheios á praça.

XXVI

Foi não só a mesma gente, mas os mesmos processos, agindo com mais desafôgo.

Tambem inexacto : não ha comparação entre a doação, feita pelos incorporadores do Banco Constructor, da commissão que como taes lhes cabia, a estabelecimentos de caridade e instrucção com o que mais tarde se praticou, *verbi-gratia* : apoderaram-se os incorporadores de toda a parte do capital subscripto das novas emprezas, não dando um passo para a realisação dos fins a que ellas se destinavam, promovendo ficticiamente o agio.

das acções para vendel-as com enorme lucro, desdobrando-as, *valorisando-as*, na phrase da quadra, constituindo com ellas illusorias cauções, insidiosos *reports*, etc... e por semelhantes meios levantando fortunas colossaes, emquanto os papalvos que lhes haviam confiado o fructo de economias de muitos annos ficavam *a ver navios*.

E vem a pêlo ponderar como o tempo modifica os juizos humanos.

Essas loucuras, que com tanta razão o meu amigo hoje profliga, foram, ao se realizarem, motivo de apôdos contra o imperio e de hosannas á republica.

Lembra-me que um jornal, conhecido de s. exc., alludindo aos trens faustosos que no largo de S. Francisco de Paula aguardavam os novos nababos, afim de, fechada a Bolsa, conduzil-os aos opulentos palacios, jubilosamente assignalava que só depois de 15 de Novembro podiamos mostrar ao extrangeiro alguma cousa que não nos envergonhasse como as pesadas traquitandas dos ominosos tempos imperiaes.

Esse mesmo jornal, referindo-se a um baile esplendido dado no Itamaraty, exclamava, cheio de enthusiasmo: graças á Republica, já aqui se sabe receber e dançar!

XXVII

> *O visconde de Ouro Preto lançou a outra semente do mal, prégando e praticando a doutrina da pluralidade dos bancos de emissão.*
>
> *Abusou-se, depois, é certo, levou-se a emissão á extravagancia, empregou-se mal o dinheiro assim emittido, mas quem atirou á terra avida a semente funesta não póde esquivar-se á parte de responsabilidade pelos desastres occasionados pelos fructos.*

Antes de tudo, ha nestas proposições do eu amigo uma petição de principio.

Ferreira de Araujo dá como averiguado ıe, no tocante a bancos de emissão, a unidade preferivel á pluralidade, — questão ainda ›je debatida e não definitivamente resolvida, ›m theorica nem praticamente.

Ambos os systemas offerecem inconve-

nientes e vantagens, como todas as instituições humanas.

Usando do mesmo direito com que s. exc, reputa um mal a pluralidade, poderia eu attribuil-o á unidade e desde logo teria opposto resposta cabal á arguição.

Accrescentarei, porém, que razão não ha absolutamente para estranhar sequer que o visconde de Ouro Preto adoptasse em theoria e menos que praticasse, como governo, a doutrina da pluralidade.

No primeiro caso, mostrou-se apenas coherente com a escola politica a que sempre pertenceu, a liberal; ao contrario, —sinto dizel o, — o meu illustre amigo, — republicano intransigente, proclamando a unidade, revela-se sectario do regimen do privilegio, da theoria do monopolio.

Como governo, o visconde de Ouro Preto não podia deixar de cumprir a lei, que firmou o principio da pluralidade.

Seu procedimento foi, pois, perfeitamente correcto.

Examinemos, porém, mais a fundo a questão, para tirarmos a limpo se a elasticidade abusiva e extravagante que mais tarde teve aquelle principio póde ser imputada á respon-

sabilidade do chefe do gabinete 6 de junho, como fructo de semente que lançou.

Uma só consideração basta para evidenciar o nenhum fundamento da imputação.

O visconde de Ouro Preto, ou, melhor, para tirar ao debate todo o caracter pessoal, o governo da monarchia praticou a pluralidade dos bancos de emissão apenas de *curso legal*; a republica não só alargou os limites da emissão, senão dotou-a com o *curso forçado*.

Assim, o decreto n. 10.262 de 6 de julho de 1889 estatue:

«Art. 10: — Os bilhetes de que trata o artigo antecedente serão recebidos nas estações publicas geraes, provinciaes e municipaes.

Art. 11 — Nos mesmos bilhetes podem ser realisados os pagamentos a cargo das estações publicas, *querendo as partes recebel-os.*»

Dispõe o decreto n. 165 de 17 de Janeiro de 1890:

Art. 1°, 7° §: Os bilhetes emittidos em conformidade com as disposições deste decreto serão recebidos e terão curso nas estações publicas, *gozando das regalias conferidas ás notas do Estado.*»

Não cabe aqui fazer uma confrontação detida do decreto assignado pelo visconde

de Ouro Preto com o referendado pelo
Ruy Barbosa.

Essa confrontacão evidenciaria, de m
irrecusavel, a verdade dos nossos asserto

A um publicistà tão versado nestes
sumptos como Ferreira de Araujo não é
ciso assignalar a enorme differenca que
entre as duas concessões e nem lembrar
as objecções mais sérias articuladas conti
pluralidade assentam na hypothese de
obrigatoria para todos a acceitação das n
bancarias, ou, na phsase consagrada, de
rem ellas *poder liberatorio illimitado.*

Por outro lado, aquella emissão rece
vel nas estações publicas, mas não obrig
ria para os particulares, devia ser resgat
em ouro, á vontade do portador, correc
poderoso contra quaesquer inconveniente
excessos de que não curou o governc
republica.

O que este fez, portanto, não foi
plesmente ampliar imprudente e extravag
temente o que autorizára o imperio; foi o
verso, foi o contrario.

A tres estabelecimentos de creditc
não nos enganamos, concedeu a monar
a faculdade de emittir notas, pagaveis

ouro e á vista: — o Banco Nacional, o Banco do Brasil e o Banco de São Paulo.

Os dous ultimos não se utilisaram da concessão ; só o primeiro della se aproveitou.

Quantas notas de emissão monarchica deixaram de ser pontualmente pagas do seu valor em ouro, á primeira apresentação? Nenhuma.

Como, pois, attribuir á monarchia parte sequer indirecta nos males provenientes dos desatinos posteriormente commettidos, em odio a ella e com o patente fim de apagar todos os vestigios das instituições legadas?!

Permitta o meu amigo que me queixe da injustiça de similhante apreciação.

Resumindo e, para argumentar, fazendo concessões a Ferreira de Araujo:

O visconde de Ouro Preto executou uma lei, votada pela auctoridade competente, lei na qual, é certo, activamente collaborou.

O insuccesso pratico dessa lei patentou-se sob o governo provisorio, mas não prova contra ella, porque, conforme Ferreira de Araujo reconhece, *abusou-se* (a republica) *do principio levou-se a emissão á extravagancia, usou-se mal do dinheiro emittido.*

Ora esse abuso, essa extravagancia, essa

applicação indevida não seriam exequiveis sob o Imperio, com a sua severa critica parlamentar, as suas peias regulares, o seu soberano vigilante, a sua imprensa sempre acatada, contra a qual nunca se sustentou um ministro.

Logo, o mal nasceu todo da transformação do regimen governamental.

Corruptio optimi pessima.

A republica perverteu o que a monarchia deixou de bom e aggravou o que deixou de mau.

Por tanto, a sua responsabilidade é dupla, porque:

a) Dispondo de condições excepcionalmente propicias para emendar, não o fez;

b) Não sò levou os antigos erros ao limite extremo, (*febril, allucinado*) — como commetteu novos erros irreparaveis.

Quanto ao Ministerio Ouro Preto, governou o paiz apenas 160 dias, de 7 de Junho a 15 de Novembro.

Trabalhou em prol da Patria, como nenhum outro. Muitos de seus actos mereceram applausos de Ferreira de Araujo, que com a habitual lealdade, não poderá tornal-o o *bode expiatorio* do Imperio.

XXVIII

O partido monarchista nada conseguirá das urnas.

Nas ultimas eleições, em que era candidato um homem do raro valor de Andrade Figueira, alcançou este insignificante votação e em outro pleito será peior, pois a Republica ha de luctar com todas as vantagens regulares de que dispõe, pelo facto de estar no poder, e **mais com algumas irregulares, se for preciso.**

A ameaça expressa nas ultimas palavras deste trecho de Ferreira de Araujo, no seu artigo de 30 de Outubro, deveria desanimar os monarchistas, se o proprio illustre contendor não houvesse anteriormente externado cousa inteiramente diversa.

Effectivamente, em seu artigo de 17 de Outubro, applaudindo a idéa da arregimentação do partido monarchista, como real ser-

viço à causa da Republica, S. Ex. creveu:

> Dos monarchistas que conservaram fieis aos se ideaes, uns recolheram-s uma abstenção complet outros, não ha negal-o, aqui Ferreira de Arau reincide na injustiça co que não raro aprecia adversarios) levaram a e preitar as dissensões pa tidarias e a chegar lenh ao fogo dos moviment revolucionarios. Esse r curso, porèm, falhou cor pletamente e os mona chistas estão convencid da inutilidade de nov tentativas nesse gener Agora o remedio é seg por outro caminho. *A estão as urnas, ahi está imprensa, ahi está a t una para a lucta aber leal e desassombrada,* terreno das idéas *e* *principios. Ainda bem!*

O meu amigo far-me-ia favor explicando como se possa travar a lucta aberta, leal, desassombrada, que franqueará aos monarchistas o accesso ás urnas e á tribuna, com a segurança de que, além das *vantagens regulares* com que nella entrará a republica, usará esta das *irregulares que sejam precisas.*

Deixarei de parte essa manifestação prévia, que, aliás, não me surprehende, das disposições em que se acham ainda os adversarios mais nobres, como Ferreira de Araujo, para os futuros prelios, e considerarei as affirmações do primeiro enunciado.

Um dos traços caracteristicos do estylo do meu amigo é o *humour*, a jovialidade, a *verve* maliciosa.

Decididamente, estava num dos momentos em que essas qualidades melhor se manifestavam quando traçou as alludidas asseverações.

Pois houve realmente alguma *eleição* neste paiz, depois do advento da republica ?

Merecem tal qualificativo, especialmente na capital federal, as farças anteriores, assim como a ultimamente representada, na qual, de par com a ausencia da maior parte dos eleitores nos collegios que se reuniram, dei-

xaram de comparecer os mesarios (designados pelo governo) em muitissimos outros onde o candidato official sabia-se repudiado?!

E qual o resultado, sem embargo disso?

Os votos que recahiram nos nomes suffragados pela opposição excederam em muito, sommados indiscriminadamente, aos do candidato da Prefeitura.

E propositalmente dizemos—nomes suffragados pela opposição, — por ser notorio que o sr. Andrade Figueira não foi candidato e bem assim que seus amigos e admiradores deixaram correr o pleito á revelia.

Não ignoravam elles que, embora victorioso o insigne parlamentar, a outrem seria conferido o diploma, como succedeu com os srs. barão de Ladario e Carlos de Laet, nos primeiros comicios convocados após 15 de Novembro.

Não! A verdade é, — e appello para a consciencia dos republicanos honestos e, portanto, para a de Ferreira de Araujo,—a verdade é que, assim na capital como em todo o paiz, a republica se arreceia do pronunciamento das urnas, desde que estas falem livremente.

Nem de outra forma se explicam a indignação, o alarma e o horror com que os

adeptos da actualidade acolheram a idéa de uma consulta á nação ácerca da sua forma de governo.

Porque tanto a temeram e temem, a despeito de occuparem todas as posições administrativas e politicas, possuindo não sómente as vantagens regulares como as que, o não sendo, *se tornem precisas*? !

Os mais rancorosos inimigos do Imperio não podem negar que em assumpto eleitoral havia-se nos ultimos annos, depois da lei Saraiva, progredido muitissimo.

A republica, com o regulamento Alvim e quejandos processos compressores, fez o paiz retroceder 50 annos nessa materia.

Reconhecem-no os proceres republicanos.

Veja-se o que dizem, entre outros, Felisbello Freire, na sua *Historia Constitucional da Republica* e Sylvio Romero, na sua excellente obra *Doutrina contra Doutrina.*

« A liberdade eleitoral, exclama o segundo, tornou-se uma farça em que é principal motor a fraude.»

E assignala eloquentemente a desestima da nação pelo modo como a tratam os seus dictadores, o divorcio crescente entre o povo e a classe que se apossou do governo, os

polititians que, assentando baterias nas cumiadas do poder, de lá impõem silencio ás consciencias.

Nos *ominosos tempos*, desde D. Pedro [illegible], o eleitorado costumava derrotar ministros.

XXIX

> *Os monarchistas que tanto condemnam o 15 de Novembro não podem pretender que a restauração venha de um levante de quarteis. Demais, o exercito e a armada são republicanos.*

De pleno accordo, quanto á primeira parte. Mal da monarchia se voltasse com escala pelas casernas, ou no passadiço dos vasos de guerra.

Seria prisioneira dos alferes e sargentos, capazes de arrastarem para a praça publica algumas centenas de baionetas, dos segundos-tenentes e mestres que para terra trouxessem egual numero de grumetes!

A missão da força armada não é organisar nem derrubar governos, mas assegurar o cumprimento da lei, obedecer ás auctorida-

s *legitimamente* instituidas, garantir a paz
erna, defender a honra e a dignidade nacio-
es contra os inimigos externos.

No dia em que se esquece de tão altos e
bres deveres, para immiscuir-se na gestão
cousa publica, sae de sua orbita natural
acção, promovendo o proprio desprestigio,
eparando a fatal ruina, de erro em erro, de
cesso em excesso.

Não tem o exercito, não tem a armada
iores inimigos do que aquelles que os ani-
im a envolverem-se em luctas politicas,
o com o fim de dar aos militares influen-
i e poder, mas no interesse de tirar delles
partido possivel.

Dahi vem que a esses militares attribue
nação não só a responsabilidade dos abu-
s que pratiquem, porém de todos os males
decidos pelo paiz e para os quaes elles em
da contribuiram.

Desde 15 de Novembro de 1889, pre-
nderam as classes armadas.

Possuem, porventura, mais sympathias
seio da nação do que antigamente?

Respondam ellas mesmas se não se
ntem mais expostas do que outr'ora ás vio-
icias daquelles a quem entregaram o poder,
hidos embora das suas fileiras.

A monarchia não privou arbitrariamente nenhum militar de seus postos, a nenhum exilou, a nenhum encerrou nos cubiculos da Correcção, a nenhum mandou barbaramente ássassinar.

Taes factos estavam reservados ao dominio republicano dos marechaes.

As classes militares são temidas, mas a historia demonstra quão ephemero é qualquer regimen originado do terror.

Assim, já pelo interesse da nossa causa, já pelo que merecem os representantes da força publica, que desejamos ver presada por toda a nação, queremol-a completamente afastada das contendas politicas.

Tanto mais valerá ella quanto menos participar de taes contendas.

Vêde o exemplo da França.

O exercito e a esquadra, sob pena de se anniquilarem e sacrificarem a Patria, não podem ser republicanos nem monarchistas, nem liberaes, nem conservadores, nem positivistas, nem socialistas, mas só e unicamente brasileiros.

Das armas que a nação lhes confia jámais devem servir-se para comprimir a vontade e as tendencias de seus concidadãos inermes,

A mais comezinha lealdade manda-lhes acatar essa vontade e essas tendencias.

XXX

> *A monarchia e os monarchistas viviam embalados em uma doce confiança na indole pacifica das populações, acreditando que o povo não fazia revolução. A 15 de Novembro, porém, viram que a parte do povo que a não fazia, deixou que a outra a fizesse.*

Protesto contra esta affirmativa do meu amigo, inserta no seu artigo de 30 de outubro.

Não é exacto que uma parte do povo, minima que fosse, interviesse no levante de 15 de Novembro,— salvo os poucos homens que delle se serviram para galgar ambicionadas posições.

Registremos, todavia, a preciosa confissão que escapou ao illustre publicista.

Se, a despeito da indole pacifica do povo brasileiro. conta elle uma parte, grupo ou fracção capaz de fazer revoluções, conta

ainda o paiz elementos efficazes para uma mudança de fórma de governo, fóra das fileiras do exercito e da armada.

Como, pois, assevéra o meu amigo ser a republica indestructivel, só por entender que essas classes a preferem, sem embargo do muito que ella as tem feito soffrer?

Não estará do lado de s. ex. a doce illusão?

XXXI

> *A republica tem ainda poucos annos de vida e, não confiando tanto na indole do povo, prefere estar alerta, sabe que os golpes de mão são possiveis e previne-se contra elles.*

Nova e não menos preciosa confissão.

Que outra prova mais convincente da fraqueza das instituições do que essa vigilancia permanente a que se entrega por motivo de constante desconfiança?

Que garantias de estabilidade offerece um regimen que, não contando com a indole do povo, é obrigado a estar sempre de arma

ao hombro e alerta para prevenir perigos que o ameaçam?

XXXII

Entendem as classes conservadoras ser mais facil corrigir os erros da republica do que tentar a aventura da restauração, que será o principio do desmembramento, do esphacelamento do Brasil, cuja força está ainda principalmente no facto de ser grande.

Exactamente pelo receio de que se complete o esphacelamento deste grande todo é que as classes conservadoras desejam a restauração.

E dizemos — se complete — porque elle já começou e infelizmente caminha para seu termo a passos precipitados.

O que é feito já da invejavel unidade nacional de que gosou o paiz. disse-o a autoridade insuspeita do indefesso propagandista Americo Wernek nas palavras que transcrevemos em anterior artigo e o vêem e la-

mentam todos os que observam os acontecimentos.

Que unidade nacional é esta onde o poder central não póde sequer censurar os inauditos excessos de que tem sido theatro tantos Estados e ainda menos cohibil-os?

Se isto é unidade que será desagregação?

Na sua recente e notavel obra *Monarchia e Monarchistas*, o conselheiro Tito Franco de Almeida respondendo á pergunta —*Julga possivel a desintegração da Patria?* —assim se enunciou:

« Julgo—a impossivel de evitar e já imminente. Se fôr possivel evital-a, só poderá sel-o pela acção de uma constituição que esteja fóra e acima de todas as discussões. E como o paiz repudia o militarismo que tem seus dias mais ou menos contados, e não quererá atirar-se nos braços do clericalismo, só a restauração da monarchia póde evitar a desintegração. Que laço ou laços, fortes e perduraveis, ha hoje para prender unidas as antigas provincias, a não ser ainda essa tal ou qual força do militarismo, que, descoberta ou encapotadamente, vai intervindo nos actuaes Estados? Como subjugar estes, quando fortes como o Rio Grande do Sul ou Pernam-

buco, quando ricos como S. Paulo e Pará?

A menor scentelha em um propagará o incendio em todos.

E são tantos os materiaes inflammaveis já accumulados! A baixa do cambio, cujo limite não me atrevo a fixar; a ruina das nossas finanças — vastissimo campo das afoitezas da ignorancia sempre atrevida —; a carestia da vida, tornando-se já insupportavel; o constante augmento dos impostos, para satisfazer a clientela das influencias do dia; e, mais prejudicial do que tudo, a molestia do seculo, tão bem aclimada recentemente no Brazil — *todos querem mandar, ninguem obedecer*; estes combustiveis, além de outros muitos, que todos vêem, não lhe parecem sufficientes para conflagarem primeiro, e, depois, desintegrarem a Patria?

. . . .

Gastei 40 annos de vida politica a denunciar os excessos da centralisação conjurando a monarchia a extirpal-os.

Hoje vejo o reverso da medalha, os excessos da louca descentralisação ataviada com o pomposo nome de federação.

Não preciso dizer-lhe o que vai por ahi a fóra, porque muito bem o conhece.

Releva porém apontar-lhe como es-

pelho do que somos e valemos, a opinião do mundo civilisado que nos retirou toda a confiança e nos perturba por isso a vida em todas as relações sociaes.

Os Estados armam-se e gastam de modo a arruinar o presente e comprometer o futuro. Criam magistratura partidaria em boa parte sem preparo scientifico. Legisferam conforme as necessidades do momento, ignorando os grandes principios que regulam a legislação dos povos civilisados, porque lhes faltam todos os elementos de acerto e exito sendo o principal a falta de garantia séria para a enunciação da opinião.

O que esperar de bom depois que a picareta demolidora deitou por terra até as nossas leis financeiras fundamentaes e, cousa mais grave e perigosa, depois que se atreveu a derribar de um só golpe o monumento da nossa legislação e organisação judiciaria?

Pois arruinar a fortuna publica e particular e envenenar as fontes juridicas e protectoras dos mais sagrados direitos civis não é atirar um paiz para o retalhamento territorial, pela desintegração dos Estados, quer para se livrarem os que tomam a sério sua facticia independencia—dos embaraços causados pelo desgoverno da União; quer — os que têm

reaes e verdadeiros recursos proprios para não carregarem com as necessidades dos que os não têm ainda nem terão por tempo que não podemos medir e determinar?

Se alguma escola se está implantando no paiz — é da sua desintegração.

Lance a vista para o disparatado da constituição dos Estados em suas grandes linhas, no que é fundamental em todos os povos civilisados como, por exemplo, a organização da magistratura. *Tot capita tot sententiæ.*

E' a construcção de nova Babel, destinada fatalmente ao mesmo resultado desastroso — a desintegração »

. . . .

Acredita Ferreira de Araujo que alguns erros da republica podem ser corrigidos. Não o duvidamos.

Mas outros, e dos mais graves, são insusceptiveis de remedio por inherentes á natureza do systema, o qual deixará de existir no momento em que tentem modifical-o de modo a prevenir e evitar taes inconvenientes.

A aventura da restauração!

Se é aventura desejar o restabelecimento de instituições que nos assegurem tranquilidade, liberdade, prestigio e gloria, tal aventura é não só acertada ccmo patriotica.

Aventura perigosa é persistir no actual estado de cousas em que nos vemos pobres, abatidos e humilhados pelo estrangeiro, o qual se julga com direito a ir-se apoderando do nosso patrimonio, como se fôramos uma horda de cafres!

XXXIII

> *Estou ancioso por ver como os monarchistas encaminham o seu barco, isto é, como dirigem a sua propaganda.*
>
> *Vão explorar os erros da Republica, o que é o A B C do officio; mas, como a cada um delles se póde oppor o seu* PENDANT *do tempo do Imperio, não sei se tirarão dahi saldo o seu favor.*

Ameaça-nos constantemente o meu amigo com o inventario da situação herdada pela Republica.

O inventario dos *ominosos tempos* é feito ha seis annos em todos os tons, sem protesto

nem refutação, por homens que, apoderando-se de surpreza dos archivos nacionaes, aproveitaram-n'os a seu geito, pintando as cousas com as mais carregadas côres.

O resultado tem sido contraproducente.

A monarchia lucra em ser examinada á plena luz. O activo de seus beneficios sobrepuja consideravelmente o passivo de suas faltas.

Proceda-se a egual balanço com relação á republica, e evidenciar-se-á de maneira irrecusavel o seu *deficit*, a sua insolvabilidade absoluta.

Appella Ferreira de Araujo para um testemunho insuspeito: a Historia.

Nós tambem. Mas não a historia que eu ou o meu amigo pretendamos traçar. Essa,— perturbam-na obvios factores apaixonados.

Da historia serena, imparcial, desinteressada já possuimos uma decisiva amostra favoravel á monarchia.

O extrangeiro, diz um pensador, representa contemporaneamente a missão da posteridade. A distancia no espaço equipara-se á distancia no tempo.

Emquanto o prestigio do Imperio avulta todos os dias no conceito do mundo, o nome e a influencia da Republica brasileira (com ma-

gua o assignalo) cada vez mais se deprimem entre os povos cultos.

Sem alludir ao descredito economico, vêde como a França republicana nos calumnia, nos desrespeita e trucida (questão do Amapá); vêde como a Inglaterra sem cerimonia se apossa de nossa propriedade (questão da Trindade), e invade o nosso territorio (questão da Guyana); vêde como a Hespanha menoscaba a nossa soberania, recrutando gente para a guerra de Cuba nas nossas capitaes; vêde como se refere á nossa civilisação e aos nossos costumes (morticinios do Paraná e Santa Catharina)—a imprensa européa e norte-americana.

Destes elementos tirará o futuro o seu juizo, forçosamente infenso á republica.

Quaes sejam os erros analogos do Imperio que Ferreira de Araujo pretenda oppor aos da republica, ou, na phrase de s. exc., qual seja o *pendant* que intente offerecer ás censuras porventura formuladas pelos monarchistas contra os desmandos confessados da actualidade — já os conhecemos.

Nesse particular, o processo dos campeões do novo regimen consiste no seguinte:— procedem com paciencia benedictina a excavações nos annaes da opposição á monarchia e, registrando todas as accusações da tri-

buna e da imprensa contra aquelles que então exerciam o governo, as dão como factos irrecusaveis e comprovadissimos, sem attender já á defesa tantas vezes concludentissima dos inculpados, já ás exaggerações inseparaveis da paixão partidaria.

Quando, por uma aberração de todos os bons principios, prevalecesse similhante argumentação, facil fôra embargal-a com refutação victoriosa, recordando:

1.º que todos os erros, todos os attentados por ventura commettidos sob as instituições decahidas, nem pelo numero, nem pela gravidade approximam-se sequer dos praticados depois de 15 de Novembro, em qualquer das phases por que tem passado a republica, isoladamente considerando cada uma dessas phases;

2.º que a nova ordem de cousas se annunciou como regeneração social, moral e politica, que remediaria todas as faltas do passado e em nenhuma incidiria.

E vem a pêlo lembrar que, sob o Imperio, os partidos em opposição gosaram sempre da maxima liberdade de manifestação do pensamento, de modo que nenhum acto dos depositarios do poder deixava de ser objecto da

mais minuciosa analyse, constituindo capitulos e capitulos de increpação por parte dos descontentes.

E nem só os actos consummados, como os que não chegavam a realisar-se e ainda os que não passavam de puros inventos: as aspirações mais cautelosamente guardadas no fôro intimo, as cogitações reaes ou suppostas quanto a futuros acontecimentos.

Entretanto, a republica tem vivido até hoje, excepto com ligeiros intervallos, livre da fiscalisação da imprensa, quasi permanentemente amordaçada, no estado de sitio, pela imposição dos governantes, fóra do sitio, pelas violencias e ameaças do jacobinismo intransigente e feroz.

Na tribuna parlamentar (as Camaras têm sido unanimemente republicanas, sem um unico opposicionista radical) rarissimas são as vozes que de quando em vez profligam algum abuso, deixando em silencio a magna caterva dos mais odiosos.

Nenhum valor, por conseguinte, terá o *pendant* annunciado por Ferreira de Araujo, tanto mais quanto o proprio meu amigo apenas conhece parte minima dos attentados de que tem sido theatro o Districto Federal e todos os Estados da União, sem resalva de um só.

Por mais significativo e esmagador que seja tal *pendant*, por mais que a habilidade do escriptor consiga carregar as tintas do quadro, ha um facto que, compensando todas as faltas verdadeiras ou ficticias da monarchia, firma de modo incontestavel a excellencia do systema deposto sobre o vigente.

Esse facto, a que já me tenho referido, é que a Constituição do Imperio facultava, dentro das raias da mais estricta legalidade, remedio para todos os males, assim como assegurava a victoria da vontade nacional ainda em detrimento dos principios cardeaes consagrados.

Segundo a Constituição do Imperio, a propria fórma de governo podia ser substituida sem abalo nem prejuizo para o paiz.

Sob as suas disposições amplas e fecundas, as mais arrojadas reformas eram promptamente exequiveis, desde que a nação o exigisse.

Exemplo: a abolição do elemento servil effectuada regularmente em tres dias.

A constituição da republica, porém, — systema que se apregôa mais adeantado, mais consentaneo com a dignidade do cidadão, liberrimo e preconisador de todas as felicidades e grandesas da Patria —, não con-

sente que em qualquer das casas do Congresso se admittam como objecto de deliberação projectos tendentes a modificar as linhas geraes da estructura republicana federal e até a composição de uma das referidas casas do Congresso!

E o meu illustre amigo, admirado de que exista quem sinta saudades do passado, não duvida proclamar que a 15 de Novembro conquistou o Brazil a sua liberdade politica, constituindo a restauração um passo para traz!

Bonito progresso, o alcançado.

Repetindo uma phrase do prezado contendor, concluirei esta já demasiado longa serie de artigos, exclamado: *limpe tal progresso as mãos á parede!*

*
* *

Sem immodestia posso affirmar que a minha campanha jornalistica no *Commercio de S. Paulo* contribuio efficazmente para a formação do partido monarchista nesta grande e prospera região.

A primeira manifestação publica desse partido foi o banquete politico de 15 de Outubro de 1895, destinado a commemorar o 20° anniversario de S. A. I. o Sr. Principe do Grão Parà, D. Pedro de Alcantara.

Provocou o banquete acerbas e prolongadas criticas por parte da imprensa republicana.

Insiro em seguida um artigo em que procurei rebatel-as, bem como o manifesto e os primeiros actos do directorio monarchista de S. Paulo.

Os ultimos possuem, quando menos, alta importancia historica.

São documentos dignos da meditação do paiz inteiro, que, sem duvida, em breve imitará o nobre exemplo da altiva Paulicèa.

S. PAULO NA FRENTE

E' uma realidade em S. Paulo a formação do partido monarchista!

Salve, a nobre terra do Ypiranga!

Pertence-lhe a iniciativa de todas as ousadias brasileiras. Marcha sempre na vanguarda de seus irmãos, que a acompanham, ufanos.

Partiu de seu seio o brado inicial da nossa independencia.

Nella enceta-se agora a reacção serena, reflectida, desassombrada, invencivel, portanto, contra o regimen que tyrannisa a patria, ha seis annos.

Comprova assim a Paulicéa que constitue o centro da civilisação nacional.

Como lhe assenta bem o nome do apostolo dos gentios!

Durante o imperio, foi o baluarte republicano; mandou ao Parlamento os primeiros deputados dessa grey.

Mas cahiram-lhe as escamas dos olhos.

Em nome dos mais sagrados interesses collectivos, vem de inaugurar no verdadeiro terreno a cruzada hostil ao systema que os sacrifica.

Nesse systema, um de seus filhos occupa o supremo logar.

Não importa! O seu abnegado procedimento nesta emergencia lembra o da mãi de Pausanias.

Benemerita da liberdade, lançou uma semente que germinará.

Quando menos, prestou este serviço demonstrou que permanece entre nós um grande repositorio de coragem civica.

Que o emprehendimento de S. Paulo será fecundo em resultados proficuos, patenteia-o a repercussão profunda despertada por elle em todo o paiz.

Discute-se ainda o banquete commemorativo do anniversario do principe imperial, occorrido ha cêrca de um mez!

Os dominadores não puderam tragar esse banquete.

Disfarçam sob risos contrafeitos o despeito e o temor, procurando brandir a primeira arma opposta de ordinario às propagandas destinadas a triumpharem: — o ridiculo.

Exgottaram o repertorio das facecias a

proposito do festim effectuado na *Rotisserie Parisienne*.

Mas ridiculo, porque ?

Esquecem os galhofeiros os repetidos agapes da revolução franceza e a campanha dos banquetes reformistas de 1847, donde proveiu a queda da monarchia de Julho, banquetes presididos por Odillon Barrot, Thiers, Carnot, de Tocqueville e num dos quaes, o de Macon, Lamartine pronunciou palavras propheticas sobre a proxima queda de Luiz Philippe.

Esquecem que em todas as nações cultas celebram-se banquetes politicos para disseminar idéas, publicar programmas, reunir correligionarios, combinar meios de acção.

No banquete annual do *lord-mayor* londrino, costuma o chefe do gabinete inglez explanar ao mundo as vistas internacionaes do seu governo.

Se um simples banquete, de que nem se imprimiram os brindes, produziu tamanha agitação, de tão extenso alcance politico, imagine-se o que não conseguirá o manifesto prestes a sahir e a aggremiação regular, o esforço calmo, perseverante, indefesso das forças atè hoje dispersas e ora chamadas a postos!

Dirigido por generaes como João Mendes de Almeida, congregando representantes das mais influentes e tradicionaes familias paulistas, os Prados, os Queirozes, os Paula Souza, o movimento offerece irrecusaveis garantias de seriedade e solidez.

Em condições muitissimo inferiores, a todos os respeitos, começou o republicano em 1870.

Assignaram o celebre manifesto de 3 de Dezembro poucos nomes, na maior parte então desconhecidos.

***

O que cumpre é não desanimar deante de inevitaveis contrariedades.

Ao general Duchesne, o vencedor de Madagascar, telegraphava ha poucos dias o seu ministro: « A França vos agradece o serviço que lhe prestastes e o grande exemplo que déstes.

Mostrastes uma vez mais que não existem obstaculos nem perigos que se não sobrepujem com bravura, methodo e sangue frio. »

Meditem os monarchistas de São Paulo sobre estes nobres conceitos quo se lhes applicam completamente.

Venha o jornal, a fundação de *clubs* nas localidades, a apresentação de candidatos a todos os cargos de eleição popular, a critica elevada, cortez, mas inflexivel, aos desmandos da situação.

O primeiro passo, o mais difficil, está dado. Proséguir é presentemente um dever imprescriptivel de probidade, o desempenho de solemne compromisso tomado para com á Patria infeliz.

MANIFESTO

DO

PARTIDO MONARCHISTA DE S. PAULO

« A Republica proclamada em 15 de Novembro de 1889 nasceu já tocada da morte. Obra do positivismo infiltrado no exercito e na armada, inteiramente em desaccôrdo com os sentimentos e as necessidades do povo brazileiro, a Republica repudiou a Deus, julgando-o inutil ás instituições novas. Não se fizerão esperar os fructos desse falso principio. Desde logo na ordem social começarão a brotar as sementes da anarchia. Tudo tem sido incerteza e confusão.

Em todos os ramos do serviço publico a idéa do dever se enfraqueceu: a desorganisação foi completa; a moral foi, em summa, eliminada, como obstaculo á consolidação da Republica e só se fallava na satisfação dos appetites, como meio efficaz de popularisal-a.

Todos viram com o desenfreado jogo de titulos na Bolsa, por effeito de concessões de toda a especie, dadas a certos bancos, compa-

nhias e sociedades anonymas, e a individuos, uma manifesta depredação da riqueza publica. A politica dos interesses particulares nunca fez bem aos que a manejam. Os appetites uma vez excitados são insaciaveis. Ora, tudo se esgota neste mundo. Mas os desastres no patrimonio das familias não foram remediados e a riqueza publica continúa defraudada. A imparcialidade dos republicanos honrados começa a julgar o Imperio e a lhe fazer justiça.

Fizeram elles, com outros, a propaganda desde 1870; e hoje, envergonhados e feridos de dolorosas decepções, dizem, alto e bom som, que não é esta a Republica dos seus sonhos e dos seus anhelos.

O desvirtuamento do ideal apregoado pela propaganda republicana os traz em desgosto.

Agora devendo estar convencidos de que não ha mais salvação para o Brazil com a Republica, é de crer que tambem queiram ver appressada a restauração do Imperio. O Imperio era a paz e a seguridade de todos os direitos no interior, o respeito e o credito no exterior.

Nos seis annos do novo regimen, as perturbações tem-se succedido umas ás outras e

direito algum tem sido respeitado. Assim, pois, não são sómente os que permaneceram fieis á causa monarchica os que pedem a restauração do Imperio. Devem tambem querel-a os republicanos sérios, cujo ideal era uma Republica honesta; tambem a querem as classes conservadoras, cujos interesses são diariamente prejudicados; tambem a quer o povo em geral, cuja situação afflictiva mais se aggrava.

Todos sentem-se excitados no seu patriotismo para essa grande obra de reparação. A verdade é que estamos diante de ruinas immensas.

Os que fizeram a Republica em 15 de Novembro de 1889, sem o preparo scientifico e pratico de estadistas, sem a moral severa e desinteressada de patriotas, mostráram ignorar que não basta mudar materialmente e a golpes de decretos um systema de governo, e não tiveram a comprehensão de que não se reconstitue uma nação desprendendo-a das suas tradicções, ferindo-a na sua fé, desprezando-a nos seus affectos, humilhando-a na sua dignidade.

Nas alegrias da victoria, saboreando as consequencias immediatas da fundação da Republica, não cogitaram então das que mais

tarde se manifestariam a despeito de quaesquer obstaculos.

Ei-los agora a doudejar, querendo e não podendo fugir ao desmoronamento final, sob o qual vão ser esmagados.

No tempo do Imperio tudo estava organisado, de accordo com a Constitnição liberalissima e democratica de 25 de Março de 1824 e mais leis posteriores. Os republicanos tudo destruiram.

Ha um desmantelo geral. Os bons principios estão compromettidos, sinão já annullados. Nada se fez, desde 15 de Novembro de 1889, sinão a anarchia nos espiritos, a miseria na população, a desorganisação na familia.

A bancarrota é certa e se annuncia já com todos os seus horrores.

Todos receiam o desenlace fatal das actuaes complicações internacionaes, apezar das humilhações já soffridas.

Nem a nação é ouvida. Esses que se dizem representantes do povo não o são realmente, porque o povo não tem concorrido ás urnas. Não ha eleições; os denominados resultados eleitoraes são falsificações notorias.

O actual Presidente da Republica, ainda que não eleito legitimamente, era a ultima

esperança de muitos, por ser poder civil, obrigado á fiel execução das leis e ao respeito dos direitos de cada um.

Mas a experiencia tem demonstrado fallazes as suas promessas. Mostra-se fraco e sem prestigio, impotente e sem meios de conquistar a consideração publica, suspeitado, como é de, obedecendo á vontade alheia, ser cumplice forçado ou voluntario dos que querem continuar a viver do arbitrio, da violencia ; da delapidação.

De ninguem na Republica ha a esperar remedio a tantos males. E' geral o grito de angustia pedindo a união de todas as boas vontades, a bem da salvação da Patria. E nós entendemos que a salvação da Patria só será obtida com o restabelecimcnto da Constituição e mais leis do Imperio salvas as modificações impostas pelas circumstancias e aceitas por uma assembléa constituinte.

O Imperador D. Pedro II, de saudosa memoria, tendo de responder a alguem que, por telegramma, manifestara-lhe condolencias pelo facto da sua deposição, em 15 de Novembro de 1889, escreveu, cheio de uncção religiosa: « Minha sorte está na mão de Deus ». Pois bem ; Deus não falta a quem

o invoca; e nós, esperando a divina sentença, temos fé na efficacia de nossos votos e esforços para a restauração do Imperio, que será o renascimento da ordem e da liberdade.

S. Paulo, 15 de Novembro de 1895. — A commissão provisoria do partido Monarchico Paulista: *João Mendes de Almeida. — José Maria Corrêa de Sá e Benevides. — Augusto de Souza Queiróz. — Joaquim José Vieira de Carvalho, — Raphael Corrêa da Silva Sobrinho. — Bento Francisco de Paula Souza. — Antonio Fereira de Castilho. — Francisco Antonio de Souza Queiróz. — José Fereira de Figueiredo. — Barão de Pirapetinguy. — Antonio Leme da Fonseca. — Eduardo Prado.*»

Partido Monarchista de S. Paulo

CIRCULAR N. 1

S. PAULO, 12 DE DEZEMBRO DE 1895.

Illmo. e Exmo. Sr.

Tem os abaixo assignados a honra de, enviando a v. exc. o exemplar junto do Manifesto Monarchista publicado em 15 de novembro ultimo, participar a v. exc. que, pelos seus correligionarios desta capital, foram, a 3 do corrente, eleitos os signatarios desta circular membros do Directorio do Partido Monarchista de São Paulo.

Aproveitam os abaixo assignados a opportunidade para chamar a attenção de v. exc. para alguns pontos de interesse partidario merecedores da sua esclarecida consideração.

E' indiscutivel que a maioria da população paulista e a de todo o Brazil consideram o dia 15 de novembro de 1889 como um desastre nacional. A resistencia pela força foi impossivel naquella data fatal. Retrahiram-se os

monarchistas deixando aos republicanos toda a liberdade para governar. Não lhes trouxeram elles embaraços ou tropeço de especie alguma. Um certo numero de distinctos correligionarios nossos entendeu por patriotismo que devia fazer abstracção das suas convicções monarchicas e ir collaborar no governo do paiz. Os que se recolheram ao silencio e abstenção estão hoje como sempre firmes na sua crença. E, dos nossos amigos que acompanharam a Republica, póde-se dizer que a maior e a melhor parte, trahida na bôa fé dos seus desejos patrioticos, está hoje convencida da inutilidade do sacrificio feito ao aceitarem as consequencias de uma revolução não preparada por elles e que elles proprios julgaram desastrosa e lastimavel. Estão portanto unidos e harmonisados todos os monarchistas.

Convencidos pela razão, pelo sentimento e pela experiencia de que a Republica é perniciosa á Patria brasileira seria impossivel não estarem tambem de accordo quanto á necessidade imperiosa do trabalho partidario com o fim de reclamar e apressar a mudança das instituições actuaes.

O desapparecimento da Republica è uma questão de tempo. Instituição sem raizes

historicas no Brazil, importação estrangeira contraria ás nossas tradições, não se poderia ella sustentar ainda quando os seus fundadores tivessem enchido o paiz de beneficios e dado provas das mais altas qualidades de estadistas. Ora o partido republicano, tendo arruinado e infelicitado a nação por todos os modos e tendo revelado uma incapacidade que fará o espanto da Historia, está claro que a infallivel queda da Republica foi e vai sendo singularmente accelerada pelos proprios republicanos.

Se os monarchistas., livres de preoccupações patrioticas, se devessem contentar com a morte de uma instituição detestada,nada mais teriam a fazer senão cruzar os braços. Ha, porém, grandes interesses nacionaes e sociaes de ordem moral e economica que hão de perigar e até ser sacrificados se os bons cidadãos continuarem, como têm estado até hoje arredados de toda a discussão e intervenção nas cousas publicas.

Se quando tranquilisados pela quietação do paiz julgaram triumphar em todos os terrenos, se então tanto erraram os republicanos e tantos males fizeram — o que não ha a temer para o Brasil da pertubação do governo e do partido republicano vendo mor-

rer-lhes nas mãos e aos poucos em estertorosa agonia essa Republica que pretenderam impôr aos brasileiros?

Não attribuimos má fé aos nossos adversarios. Elles são victimas dos desmoronamentos fataes de um edificio mal aprumado e impossivel de ser erguido no solo brasileiro. E' já patente a insensatez da obra emprehendida e muitos são os operarios que, confundidos, abandonaram a construcção da Babel republicana. Debalde soterraram nos alicerces toda a fortuna publica, em vão fizeram com sangue brasileiro a argamassa da pretendida consolidação. O edificio impossivel, para todos os lados, alúe e se desconjunta.

E' preciso que, na crise suprema que se approxima, haja quem procure impedir a anarchia e a desintegração do Brazil, fazendo voltar o regimen livre que outr'ora nos deu a ordem e a unidade.

A ruina será menor, os males serão attenuados, se estiverem promptos os homens de boa vontade para acudir então ás desgraças nacionaes.

A Republica comprehende agora e tardiamente que o maior dos seus grandes erros foi merecer, por seus actos, a reputação

de inimiga de todas as liberdades. Só agora é que alguns republicanos vão comprehendendo que o regimen dos estados de sitio, das dictaduras, dos arbitrios sem freio, se porventura consolidam alguma cousa, é a natural aversão do nosso povo pela propria Republica. Divorciada, por suas praticas barbaras, e ha tanto tempo, da civilisação universal, a Republica sente-se hoje isolada e fraca e quer, á ultima hora da sua vida, rehabilitar-se aos olhos dos brasileiros e do mundo, reconciliando-se com a liberdade e com a lei. As familias das victimas da Republica podem perdoar os algozes dos seus. O povo póde ficar mudo e inerte; engana-se, porém, quem pensar que elle esquece os nomes dos responsaveis da sua desgraça presente. O presidente da Republica, por indole e educação, não pactuará, voluntariamente, com o crime e a violencia. A sua maior ambição será, de certo, a de deixar (o que a poucos presidentes sul-americanos tem acontecido) um nome limpo de sangue.

Os monarchistas, deante dos gravissimos e numerosos problemas do momento actual, devem dar a sua opinião. Está passado o Terror, mas isto não basta. E' preciso crear um regimen em que a volta do Terror seja

impossivel. Não nos basta a precaria tranquillidade presente. Precisa a nação de garantias para o futuro. Cessaram os crimes ostensivos, é verdade, mas o simples facto da annullação de umas demissões illegaes, da reintegração de uns professores e da readmissão no exercito de militares victimas de passados despotismos não bastam para saciar a sêde de justiça de que soffre o paiz. O governo ainda esconde os crimes e não vemos criminosos atrozes occupando altos cargos da confiança do governo? Restituem empregos aos espoliados; mas quem pensa em punir os assassinos? Não se restitue a vida aos mortos, mas o governo deve um soccorro ás viuvas e aos filhos orphams das victimas da Republica. Para a vida dos extrangeiros trucidados, a Republica, sob a pressão do medo, acha na diplomacia meio de pagar, a peso de ouro, compensações vergonhosas. Já se sabe quanto custa o sangue de um francez ou o cadaver de um italiano. Só o brasileiro é que a Republica pode matar sem pagar.

Não devem, porém, os monarchistas fazer grandes recriminações ao sr. Prudente de Moraes. E' aspero o ter de liquidar a herança damnosa de um despota. Os pretorianos mataram a Galba, imperador, que quiz reagir

contra os crimes e as prodigalidades de Nero, seu antecessor.

O patriotismo dita os monarchistas o dever de não crear novos embaraços ao governo. Bastam as difficultades presentes para exgottar a energia vital de qualquer forma de governo.

Todas estas difficuldades foram creadas pela Republica. A culpa é da Republica, mas, infelizmente, não é ella hoje só quem soffre, é a Patria. A Republica é um accidente transitorio que desapparecerá; a Patria, victimada por tanto erros, essa ficará.

Os monarchistas devem á Patria hoje mais do que em qualquer tempo, o concurso do seu esforço civico, devem até auxiliar o governo republicano sempre que se evidenciar que este, de boa fé, quer reprimir um abuso, pôr termo a um escandalo, fazer, emfim, um beneficio ao paiz.

Ora, este e outros deveres patrioticos não poderão ser efficazmente desempenhados, sem uma organisação partidaria, congregando todas as boas vontades n'uma união estreita que será a nossa força.

Todos os esforços individuaes e os melhores elementos serão de pouca valia, sem esta imprescindivel e prévia organisação.

Os fins da incorporação partidaria dos monarchistas são os mais patrioticos. E o que mais nobilita a nossa iniciativa é que (o que nem acontece sempre aos organisadores de partidos politicos) não podemos ser accusados de pretender a empregos publicos.

Os meios de que devemos lançar mão, e os unicos que podem ser proficuos á nossa causa, são a propaganda pela imprensa e o voto eleitoral.

Ha, entre os monarchistas, algum scepticismo quanto á acção possivel do jornal. Não acreditam muitos correligionarios nossos na possibilidade da Republica consentir jamais, de um modo permanente, na liberdade de imprensa. Pensam que os escriptores monarchistas que se aventurarem a usar dessa liberdade (que a Constituição menciona, mas que os republicanos pouco respeitam) serão victimas de todas as violencias e que os seus jornaes serão destruidos. Não chegamos ainda a este grào de scepticismo e acreditamos ainda na força das idéas. O governo civil da Republica terá de se curvar sob a pressão universal da opinião que lhe imporà sempre algum respeito pela liberdade de imprensa. Comprehendem os republicanos que não ha melhor apologia da

causa monarchica do que a longuissima lista dos attentados da Republica contra a liberdade de imprensa; e veem claramente que a violencia contra a liberdade individual, transformada em meio ordinario de governo, acaba por tornar impossivel o mesmo governo.

Os attentados contra a imprensa são muito proprios da Republica. O publico já não estranha esses crimes odiosos e improficuos e contra os quaes devem os monarchistas armar-se da arma invencivel da perseverança. Destroem os republicanos a typographia do *Santos Commercial*, jornal monarchista. Pois resurgirá a mesma folha e sobre a Republica pesará a responsabilidade de mais um crime.

Quanto ás eleições, estamos já assistindo a uma reacção entre os proprios republicanos. Muitos delles já estão finalmente convencidos de que a desordem, o desprestigio, a incapacidade e a impotencia dos Congressos, provêm da suppressão systematica da liberdade eleitoral. Fazem esforços para demonstrar que a Republica não é incompativel com a liberdade e manifestam o pio desejo de pôr um termo ás desmoralisadas farças eleitoraes, ora querendo garantir a represen-

tação das minorias, ora formulando projectos repressores das fraudes.

Seria comtudo infantil o ter muitas illusões quanto á liberdade eleitoral sob o regimen republicano. O dever de votar é, no presente, um dever imperioso. As qualificações fradulentas, a falsidade, o extravio criminoso das cedulas, a expulsão dos eleitores pela força, as actas apocryphas, tudo isto, bem sabe o paiz, faz parte dos costumes politicos da Republica. Exerça, porém, o cidadão o direito de ir votar e deixe o governo republicano persistir nos seus escandalos. E' uma lucta em que se não deve cançar a perseverança dos monarchistas. Se estes votarem sempre unidos e se os seus votos não apparecerem, a publicidade repetida, dada a esses attentados, concorrerá para apressar a quéda da Republica.

E, por mais apertadas que sejam as malhas da rêde de corrupção, de violencia e de falsidade, lançada pelo governo sobre a opinião nacional, é certo que irão sempre alguns monarchistas aos Congressos da União e dos Estados e irão tambem outros fazer parte das municipalidades. Nesses corpos politicos e administrativos farão os nossos correligionarios propaganda pela palavra e pelo

exemplo, examinando minuciosamente as despezas publicas, e sendo denunciantes incansaveis da violação das leis e dos crimes contra a vida e a liberdade dos cidadãos. Numa palavra : farão algum bem e evitarão muitos males. Mais directa e sensivel será esta acção nas municipalidades, hoje em grande parte entregues á espoliação republicana. Intervenham sempre os monarchistas nos negocios municipaes; impedirão assim que a anarchia, hoje reinante no governo do paiz, perpetue-se no dominio dos interesses locaes.

Ora, nada disso será possivel aos monarchistas nas differentes localidades de São Paulo, sem uma organisação partidaria. E o primeiro passo para essa organisação é a existencia de directorios locaes. Os monarchistas terão de lutar por certo com difficuldades numerosas. A acção do governo republicano é esmagadora sobre a liberdade individual. A Republica não se limitou a tornar difficil, cára e intoleravel a vida das classes pobres. Os desherdados da fortuna, ainda aterrados pelas crueldades recentes da Republica, têm a triste experiencia das violencias do estado de sitio, dos recrutamentos, das prisões, dos tormentos e de outras oppres-

sões. Como exigir destes nossos humildes concidadãos que manifestem sem temor a sua reprovação aos actos do governo? Não lhes dão homens educados o exemplo funesto da subserviencia ao poder?

As localidades do interior, como esta capital, estão invadidas por nuvens de empregados publicos estadoaes e municipaes, proletarios politicos, vivendo do salario do governo e que devoram os orçamentos avolumados á custa de impostos desmedidos, sem que a população receba beneficio algum em troca de taes encargos. Toda esta gente, no dia da eleição, sob a ameaça de ser despedida, se sujeitará á vontade imperiosa do governo.

Se estas são as difficuldades com que terá de luctar o Partido Monarchista, é certo, porém, que, contando com a sympathia da grande maioria da população e mesmo de muitos que são republicanos por necessidade, esse Partido que agora se organisa, forte ao ponto de obrigar os republicanos a esquecerem offensas e aggravos reciprocos para se unirem, tem deante de si a victoria no futuro. Tanto mais quanto tudo faz prever que os erros da Republica hão de continuar, como até hoje, a fazer a melhor e mais

efficaz das propagandas em favor da Monarchia.

Fazem, pois, os abaixo assignados um appello ao patriotismo de v. exc, concitando-o a cooperar na organisação do Partido Monarchista dessa localidade, na formação de um directorio e, se for possivel e conveniente, na creação ahi de uma imprensa monarchista.

Apparecerá em breve um orgam diario monarchista nesta capital. Nesse jornal, ou de qualquer outro modo, ao alcance do directorio monarchista de S. Paulo, assim como perante os tribunaes, serão por elle defendidos os direitos individuaes dos nossos correligionarios, quando perseguidos. E o novo jornal propugnará, quanto puder, pela prosperidade e pelos interesses dessa como das demais localidades de S. Paulo.

Os abaixo assignados, apresentando a v. ex. a segurança de sua perfeita estima e distincta consideração subscrevem-se

De v. ex.

Amigos e correligionarios devotados.

JOÃO MENDES DE ALMEIDA.
BENTO F. DE PAULA SOUZA.

Francisco A. de Souza Queiroz.
Antonio Ferreira de Castilho.
Eduardo Prado.
Raphael Correia da Silva Sobrinho, secretario.

Todas as communicações dirigidas ao directorio deverão ser feitas ao secretario do directorio, dr. Raphael Correia, em S. Paulo, á rua Direita n. 25.

ACTA DA REUNIÃO

DO

Partido Monarchista de São Paulo

Aos tres dias do mez de Dezembro de mil oito centos e noventa e cinco, ao meio dia, em casa do Exm. Senhor Doutor João Mendes de Almeida, nesta cidade de São Paulo, presentes os monarchistas anteriormente convocados para a presente reunião, tomando a presidencia d'ella o dito Doutor João Mendes, convidou para seu secretario a mim, Luiz Gonzaga de Oliveira Costa. Declarado por elle que o fim da reunião é a organisação definitiva do partido monarchista de São Paulo, deu conhecimento de que havia recebido, e nessa occasião apresentou, muitas cartas e telegrammas desta e outras provincias, declarando inteira approvação e felicitando-o por similhante facto. Os Doutores Augusto de Souza Queiroz, Eduardo da Silva Prado e outros fizeram identica declaração. Este ultimo, em nome do General Dou-

tor José Vieira Couto de Magalhães e do Conde do Pinhal, declarou que, embora não podendo comparecer á reunião, applaudiam os seus intuitos e approvavam as deliberações que fossem tomadas.

Pelo Doutor Manuel José Ferreira foi apresentada uma proposta do theor seguinte: «Propomos para a boa organisação do partido monarchista de São Paulo :

I

Que o directorio central nesta capital seja composto de cinco membros, e mais um secretario.

II

Que alem do directorio central, seja formado um conselho de doze membros, que com os do directorio, quando convocados, votem as deliberações de maior gravidade e responsabilidade politica.

III

Que o directorio central nomeie, d'entre os seus membros, ou mesmo entre outros monarchistas, a commissão da imprensa a cujo cargo ficará a redacção e administração do jornal, orgam do partido.

IV

Que o dirctorio central remetta o manifesto com o officio circular a pessoas das localidades do interior, afim de que os monarchistas de cada uma ahi se congreguem, formando directorio local.

V

Que nas localidades muito extensas o directorio local pode ter por filiaes directorios parochiaes ou districtaes.

VI

Que o directorio central se ponha immediatamente em comunicação com os chefes politicos de outras provincias e tambem com os do Rio de Janeiro.

VII

Que as deliberações tomadas em virtude d'esta proposta sejam comunicadas á imprensa

São Paulo 3 de Dezembro de mil oitocentos e noventa cinco.—Manoel José Ferreira, Manoel Joaquim Pinto de Souza, Dinamerico Augusto Rego Rangel, Nicolau de Souza Queiroz.

Approvada, foram acclamados membros do directorio central: os Doutoures João Mendes de Almeida, Eduardo da Silva Prado, Francisco Antonio de Souza Queiroz, Conselheiro Bento Francisco de Paula Souza, Doutor Antonio Fereira de Castilho, e Secretario o Doutor Raphael Corrêa da Silva Sobrinho; membros do conselho consultivo: os Doutores Augusto de Souza Queiroz, José Maria Corrêa de Sá e Benevides, Joaquim José Vieira de Carvalho, Antonio Francisco de Aguiar e Castro, Manoel de Almeida Mello Freire, Antonio Ribeiro dos Santos, Fortunato dos Santos Moreira, Carlos Augusto do Amaral, Coroneis José Ferreira de Figueiredo, Francisoc Antonio de Queiroz Telles, Antonio Alves Leite Penteado e Barão de Pirapetinguy.

Durante reunião uzaram da palavra os Doutores Vieira de Carvalho, Augusto Queiroz, Eduardo Prado, Ferreira de Castilho, Manoel Ferreira e Luiz Gonzaga.

Ficou deliberado que o directorio central promova a constituição de directorios locaes, organize e dirija a imprensa do partido; foram tomadas varias outras providencias necessarias á economia interna do partido.

Nada mais havendo a tratar levantou-se

a sessão e para constar lavrei a presente acta que vae assignada pelo presidente, Exm. Doutor João Mendes de Almeida e por mim secretario, Luiz Gonzaga de Oliveira Costa.

João Mendes de Almeida,

Luiz Gonzaga de Oliveira Costa.

Carta ao Directorio Monarchista de S. Paulo

Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1896.

Illmos. e Exmos. Srs.— Os abaixo assignados congratulam-se com VV. EE. pela patriotica energia com que formaram o partido monarchista de S, Paulo e pelo apparecimento do seu orgão na imprensa.

Solidarios com os intuitos de VV. EE.; entendendo que urge envidar, no terreno legal, todos os esforços para obstar os males que assoberbam a Patria; convencidos de que o Brazil só recuperará a conveniente situação politica, economica e social que perdeu, se, ensinado por dolorosa experiencia, voltar á monarchia parlamentar, systema garantidor em toda a parte, como nenhum outro, de liberdade, de civilisação e de paz publica, no qual os triumphadores das urnas não podem esmagar incondicionalmente os seus adversarios, e que entre nós deu provas, durante sessenta e sete annos, da maior elasticidade e espirito progressista, accessivel a todas as reformas ainda as mais adiantadas, sempre prompto á realisação de todas as aspirações

populares, os abaixo assignados applaudem o procedimento de VV. EE. e estão dispostos a prestar-lhes dedicado concurso.

Deus guarde a VV. EE.—Illms. e Exms. Srs. Drs. João Mendes d'Almeida, Eduardo da Silva Prado, Francisco Antonio de Souza Queiroz, Conselheiro Bento Francisco de Paula e Souza, Antonio Ferreira de Castilho, Raphael Corrêa da Silva Sobrinho, Dignissimos membros do Directorio Central do Partido Monarchista de S. Paulo. (Assignados) J. Alfredo Corrêa de Oliveira, V. de Ouro Preto, Domingos de Andrade Figueira, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, Lafayette Rodrigues Pereira, Affonso Celso.

Á NAÇÃO BRAZILEIRA [1]

A subversão do nosso regimen politico a 15 de Novembro, rapida e instantanea como o effeito de um cataclysmo, não permittiu que se lhe oppuzesse immediata resistencia activa; nem esta, se possivel, seria prudente diante do facto consummado, imposto pela fôrça publica a um povo pacifico, inerme, jà longamente deshabituado de guerras civis e completamente sorprendido em sua incauta tranquillidade.

Supprimidas desde lógo as liberdades publicas, as amplas liberdades sob as quaes nasceu e vivia o imperio brazileiro, e mais tarde destruida ou reduzida ao silencio a imprensa que se aventurou a moderadas censuras, era de facto inutil qualquer esforço para que a vontade nacional sahisse de urnas eleitoraes cavillosamente preparadas para as mais ousadas burlas por uma regulamentação *ad hoc*.

Nestas circumstancias só restava aos

(1) Consignamos aqui este manifesto, publicado no *Jornal do Commercio* de 12 de Janeiro de 1895, como documento importantissimo da formação do partido monarchista.

monarchistas esperar pelas promessas da republica, ruidosamente affirmadas na mesma occasião em que se fazia retumbar por toda a parte a infamação da monarchia.

Se aquella, apezar do vicio original, entregue a si mesma, sem a cooperação suspeita, nem o menor entrave dos adversarios naturaes, conseguisse mostrar-se mais benefica, não haveria, a começar pela familia imperial sempre desinteressada e patriotica, um só obstinado que recusasse e deixasse de agradecer a melhoria.

Mas, decorridos quasi seis annos, a consciencia publica, o fôro intimo dos proprios republicanos de boa fé compara os factos e só registra decepções e desastres.

A liberdade que tinhamos para todas as opiniões e religiões transmudou-se em arrogante e ameaçador exclusivismo de grupos e seitas officiaes.

A fé catholica, a que se prendem o descobrimento, a conquista, a civilisação e a vida politica do Brazil, esse remedio divino para o qual o velho mundo está appellando nas crises que o agitam e ameaçam, unico que póde avigorar a alma nacional, soffre a injuria, a pretexto de não termos mais religião de Estado, de ceder o seu logar de honra

e de direito nos emblemas da nacionalidade a uma doutrina de poucos, geralmente repellida, convertendo-se assim a nação brazileira, por violencia, em triste unidade que nos afflige aos olhos e perante as bandeiras das nações cultas.

A justiça, tão indispensavel como a liberdade, e talvez mais, outr'ora administrada por magistrados inamoviveis e independentes, educados no difficil e nobre officio de julgar, experimentados em diversos estadios e cautelosamente promovidos conforme o seu merecimento, passou em grande parte para as mãos de juizes improvisados, verdadeiros juizes de commissão, á mercê de governos reaccionarios, cuja sorte tem que acompanhar no vai-vem de repetidas acclamações e deposições.

Como se o novo regimen nascesse fadado para amargurar até os seus unicos e verdadeiros auctores, o exercito, que em outro tempo nos deu tantas glorias, e que só poderia manter-se na altura da sua missão, observadas as regras de hierarchia e disciplina, tao necessarias a si mesmo, como á sociedade, não teve patentes que pudessem julgar-se a abrigo de offensas á sua respeitabilidade, de desobediencias e vexames por

parte dos subalternos, assim como de prisões irregulares, injustas preterições e arbitrarias reformas e exautorações pelo governo. Nem as teve tão pouco a marinha, a brilhante marinha brazileira, essencialmente importante para a nossa defesa; de tão lenta e custosa formação; que dóe dentro d'alma ver agora mutilada e quasi destruida.

A seguridade em que descançavamos, a brandura de sentimentos, a benevolencia caracteristica dos brazileiros transforma-se em desordem permanente, em odios ferozes e lutas fratricidas, com crueldades contra feridos e prisioneiros, e até com profanações de cadaveres, que desdizem do respeito universalmente tributado aos mortos.

Por mais que a imaginação interessada pinte com brilhantes cores a nossa prosperidade publica e particular, o facto notorio, a verdade pungente é que á situação financeira do paiz falta pouco para ser desesperada.

A despeza cresceu loucamente, e mal se conhece a sua importancia real, porque a republica tem vivido sem balanços. A receita ainda que se tenham repuxado, legal e illegalmente, as suas fontes ordinarias e extraordinarias, é sabidamente insufficiente. Es-

vaem-se, confessam os mesmos republicanos em um brado de angustia, esvaem-se os emprestimos de usura, difficilmente negociados, sem cobrir os *deficits* e sem deixar vestigios de melhoramentos uteis e remuneradores. Tambem não bastam as emissões despropositadas de papel inconvertivel sob diversas formas. O que dellas fica, de dia em dia mais pernicioso, é o seu effeito de desvalorisar o meio circulante, encarecendo a subsistencia do pobre até tornal-a impossivel e reduzindo a menos de metade do antigo valor os haveres dos abastados e dos ricos. Nesta engrenagem fatal o cambio em baixa desoladora e em variações doidas a ninguem permitte saber ao certo quanto possue hoje, quanto possuirá amanhã; nem ao commercio licito é dado calcular com segurança se terá lucros ou perdas nas mais cautelosas operações mercantis. Ameaça-nos, diga-se a dura verdade, ameaça-nos a bancarota; é urgente necessidade de vida e de honra a mais severa economia, e entretanto avultam as sinecuras; as aposentações de homens validos, que passam a exercer outros empregos ou profissões; as pensões exageradas e immerecidas; as encommendas extravagantes e as commissões inuteis, que têm de ser pagas a

ouro no estraugeiro; as patentes extranumerarias por milhares no exercito, perturbando e offendendo direitos adquiridos; as indemnisações, — cujo valor, numero e natureza não se conhecem com exactidão e mil outros desperdicios, entre os quaes o que mais dóe e nos envergonha é essa chuva de dinheiro com que ha tres annos se tem pago o sangue brazileiro derramado no sul para o fim — só para isso — de impôr aos proprios republicanos e a um povo nobre e valente a dictadura positivista de uma fracção minima, fanatica e cruel. A republica esquece que, exterminando aquelle povo, arraza a nossa fortaleza viva em uma extensissima fronteira aberta, ou de proposito sacrifica a pretensões injustas e repugnantes um grande interesse nacional?

Tamanhos erros e desatinos já abalaram profundamente o nosso credito financeiro, que mantinhamos a par ou muito perto do credito das maiores nações e que presentemente rasteja na situação humilhante do de paizes pobres e mal reputados. Elles com certeza tambem diminuem a estima e o respeito que o Brazil tinha conquistado e podem expôl-o não só a insultos e ameaças, mas a esbulhos e ainda a tutelas igualmente de-

gradantes ou ao esphacelo e á perda da nossa integridade, que é o nosso orgulho e deve ser o nosso supremo cuidado.

Achamo-nos em um despenhadeiro de resaltos do qual urge retroceder, sob pena de rolarmos até o abysmo, em successivos baques, que nos multiplicarão as dores.

Em tão angustiosa conjunctura a patria reclama a actividade de todos os cidadãos, e não devemos recusar-lhe a nossa, desinteressadamente, sem preoccupações partidarias, sem preconceitos de qualquer ordem ou especie, e apezar de quanto nos possa suscitar a intolerancia nas suas estreitezas de predominio sectario. Se, sem embargo da nossa abstenção, pacifica e resignadamente observadora, sempre nos foram imputados factos que eram só da republica, as suas divergencias e lutas sangrentas, ainda não apaziguadas, é facil prever o que nos reserva o nosso apparecimento para a tarefa puramente patriotica do bem publico.

Seja como fôr, é preciso que iniciemos a nossa participação no esforço geral que a causa publica necessita, dando-lhe com a serenidade das intenções puras todo o concurso das nossas idéas e do nosso modo de ver, conforme a experiencia e os principios

fundamentaes das sociedades que mais tem podido desenvolver a liberdade sem prejuizo da ordem e construir sabiamente o seu poder moral e material.

Cada vez mais firmes em nossas crenças politicas, com as quaes o Brasil fez tudo quanto tem de bom e honroso, parecerá que nos move a propaganda monarchica. Dessa propaganda não cogitamos. Quem a faria é a mesma republica; é a evidencia dos factos; é a força da verdade. O que queremos e emprehendemos resolutamente é a discussão larga, isenta, calma, escrupulosamente justa e impessoal dos grandes interesses brasileiros, no seu mais alto ponto de visia, muito contentes e felizes se deste modo, por esta unica acção que nos propomos dentro da lei, no circulo que ella traça às pelejas pacificas da opinião, pudermos contribuir para que este grande e esplendido paiz tome no mundo o logar que lhe compete.

Apresentando-nos como um centro, já constituido nesta Capital, de intuitos que acreditamos condizirem com o sentimento nacional; de trabalhos que consideramos dever imprescindivel para com Deus e a patria e de responsabilidades que assumimos com toda a consciencia, esperamos

que todas as classes ou pessoas, sem distincção de partidos antigos e novos, que commun-guem nas graves apprehensões que nos at-tribulão o espirito, nos prestem o seu apoio, individualmente ou por meio de organi-sações locaes, de modo que opponhamos a resistencia de uma opinião compacta e nu-merosa ás calamidades do presente, a com-pleta desorganisação do paiz.

As boas causas têm força intrinseca, de si mesma impulsiva, que lhes assegura o triumpho.

A nossa é primordialmente sagrada no que se refere á consciencia moral da nação e é tambem a causa da soberania dos povos, da qual depende a legitimidade dos governos modernos.

Devemos confiar nella e defendêl-a, porque vai nisto a nossa dignidade de nação christã e livre, com a fé paciente que não conta o tempo e inabalavel que não cede aos perigos.

VISCONDE DE OURO PRETO.
JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA.
DOMINGOS D'ANDRADE FIGUEIRA.
LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA.
CARLOS AFFONSO ASSIZ FIGUEIREDO.

OS MOÇOS

— A mocidade é toda republicana, exclamam os dominadores. D'ahi a vitalidade das actuaes instituições.

Fôsse verdadeiro o asserto, e, com effeito, em solido esteio assentaria a republica.

Mas é falso.

No seio das academias já se encetou o movimento de reacção contra o regimen imposto ao Brazil pelas bayonetas sediciosas.

Esse movimento ha de inevitavelmente subir, avolumar-se, assoberbar toda a mocidade brazileira.

Porque?

Pela ordem natural das cousas; porque a mocidade brazileira, como as mais dignas do mundo, concretisa a coragem, a abnegação, a generosidade, o futuro, o enthusiasmo, a esperança, a fé, a actividade, a independencia, a poesia, a originalidade, a liberdade, a dedicação á causa popular.

Ora, entre nós, o exercicio e a satisfação de taes sentimentos só o partido monar-

chista pode hoje em dia proporcional-os de modo cabal.

Contestaes ?!

Ouvide.

* *

Coragem ?!

Elles, os detentores da força, tem por si as prisões, as palmatoadas, os canhões, os fuzilamentos, o terror. Nós, simplesmente a penna e a palavra. Elles estão organisados, encastellados; nós ainda dispersos. Acham-se affeitos á pratica de violencias; nossa escola e nosso temperamento nol-as prohibem.

E resolvemos defrentar com elles, a despeito de quaesquer ameaças e perigos. De que lado, dizei lealmente, se faz mister maior valor ?!

Abnegação ?!

Renunciamos todos os proventos do poder, todas as vantagens do socego. Combatendo, compromettemos a segurança, arriscamos a existencia. Elles defendem os logares que occupam, os empregos de que comem, o erario de que auferem recursos. Não os inspira, por certo, desinteresse comparavel ao que nos serve de brazão.

Generosidade ?!

Representamos nós as victimas; representam elles os perseguidores. Somos os paladinos de D Pedro, o Magnanimo, e de D. Izabel, a Redemptora, bannidos da Patria que tanto amaram e serviram. Falamos em nome de grandes espoliados. Quando nos negueis tudo, reconhecereis os generosos impulsos de nossos corações.

O futuro? O enthusiasmo? A esperança? A fé?

Não os encontrareis sinão em arraiaes de quem ainda não realisou o seu sonho, daquelles a quem incumbe uma tarefa ousada e difficil, uma propaganda a emprehender, uma semente a lançar, uma conquista a adquirir. Vergam os nossos contrarios ao peso de um passado, repleto de fallazes promessas, e de um presente eivado de ignominiosas decepções.

Nós apresentamos extensos e honrosos fastos; acenamos com um porvir restabelecedor do lustre extincto e susceptivel de maiores prosperidades, em virtude dos dolorosos ensinamentos recebidos. Reina em nosso campo a confiança; no delles a desillusão.

Actividade!

Intelligencias avidas, vontades energicas, nobres ambições somente trabalham e se

adestram em lides opposicionistas. Defender os abusos da auctoridade, compartir as responsabilidades do governo restringe, embota, esmaga os impetos juvenis. A nós as iniciativas temerarias do ataque. A elles a tactica prudente, a rigorosa subordinação.

Independencia?!

Revela-a em supremo gráo quem se insurge contra os preconceitos, contra as superstições filauciosas. E não ha preconceito, snperstição, *mentira convencional* mais poderosa do que a encerrada na palavra — *Republica*.

Poesia?!

Não a possue o systema da preponderancia da massa bruta, da influencia decisiva e inconstrastavel do numero, do achatamento geral, sem tradições, sem brilho, sem magestade, sem natural selecção. A nossa flammula, ao envez disto, illumina-a o prestigio do ideial. Palpitam em suas dobras mil recordações legendarias. Unge-a agora a augusta tristeza dos vencidos. Formamos a cruzada resgatadora de uma nova Jerusalem aviltada.

Chimera! Miragem! objectam elles. Pois é de chimeras, de miragens, de imaginação que se nutre a poesia.

Originalidade?!

Emquanto nós pretendemos destacar o Brazil do resto da America, impedir que elle se pareça, como outr'ora, mercê de Deus, não se parecia com o Haiti, ou o Equador, ou Honduras, elles por meio da espada o rebaixaram e nivelaram a essas regiões, acorrentando-o ao regimen que as tornou objecto de ridiculo e dó por parte do mundo culto.

Liberdade ?!

A constituição imperial abria espaço a quaesquer reformas e aspirações nacionaes.

Nunca, á sombra della, se amordaçou a imprensa e se exerceu tyrannia,

Desde que o paiz desejou-o, effectuou-se em tres dias a abolição do captiveiro.

A constituição republicana trouxe o nativismo, a intolerancia, os estados de sitio, os constantes assaltos a typographias, os attentados de Pernambuco, Sergipe e Rio Grande, o despotismo florianista.

Ao passo que, á lei da primeira, não se oppunham limites á apresentação de projectos, acatando-se assim a soberania publica, prohibe peremptoriamente a segunda que no Congresso se tomem em consideração varias materias, quer a nação o exija, quer não!

Dedicação ao povo ?!

Em todas as republicas, o proletario vê-se

immolado, desprovido de garantias, sem representante ou defensor. Só vale o eleitorado, fonte exclusiva de posições rendosas, mais servilmente bajulado do que os reis. Observai como se tratam os negros nos Estados Unidos e os *rôtos* no Chile.

A plutocracia olygarchica, as honras militares (aristocracia mais perigosa, inconveniente e grotesca do que a antiga) as honras militares conferidas a rôdo, inhérem ao systema republicano em detrimento do povo. No Brazil esse povo assistiu *bestialisado* ao 15 de Novembro e de então para cá o governo não tem poupado esforços para manter e aggravar tal situação. Se na população, ao inverso do que se nota nas demais republicas, subsiste igualdade, promiscuidade mesmo, democracia, ausencia de separações sociaes, são beneficios devidos á longa duração do imperio.

Nas monarchias, o soberano é o defensor nato dos infelizes, o contrapeso permanente aos excessos do partido triumphante nas urnas, o delegado perpetuo da plébe, ao qual compete inhibir o esmagamento da mó popular pelos desatinos das facções.

***

Não! Depois da nefanda experiencia feita, os moços não pódem ser republicanos.

Almejam, por certo, vêr tremular de novo no Brazil a bandeira que levou a todo o universo a fama do nosso progresso pacifico, da benignidade dos nossos costumes, do noszo sereno e seguro desenvolvimento, da nossa prosperidade material e moral, da nossa gloria; a bandeira arvorada pela presidencia dos tribunaes arbitraes de Santiago e Washington; a bandeira, perante a qual a Inglaterra, que se atreveu um instante a desconsideral-a, foi coagida a curvar-se em solemnes excusas; a bandeira que venceu em Paysandú, Monte-Caseros e Aquidaban, quebrando, heroica e cavalheirosa, as cadeias de tres povos visinhos; a ampla e saudosa bandeira que se desfraldou com a nossa independencia, presidiu ás phases melindrosas do nosso crescimento, abrigava risonha e carinhosa todos os brazileiros, como um regaço maternal, e foi ingratamente substituida por essa outra que, devendo constituir o symbolo sacrosanto da Patria, estampa o lemma de uma seita ferrenha; essa que se presta, pela infeliz composição de seus emblemas á chacota do vulgo, que a designa com sacrilegos epithetos deprimentes; essa que arrancaram da Trindade

e desrespeitaram no Amapá; essa a que só ennegrecem o fumo e o sangue malditos das luctas fratricidas,

Moços, exactamente por serdes moços, por gozardes o divino dom da mocidade, repudiai esta republica que nenhuma affinidade tem comvosco; esta republica precocemente gasta e envelhecida.

Misera! Conta apenas seis annos! E, em logar do frescor e da innocencia da infancia, ostenta os crimes e as mazellas de repulsiva decrepidez!...

INDICE